Estudo do Complexo do Agronegócio Cavalo

Coletânea Estudos Gleba nº 40

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA

Diretoria Executiva
Triênio 2005 - 2008

Presidente
Antônio Ernesto de Salvo

Iº Vice-Presidente
Fábio de Salles Meirelles (SP)

Vice-Presidente Executivo
Pio Guerra Júnior (PE)

Vice-Presidente de Secretaria
Kátia Regina Abreu (TO)

Vice-Presidente de Finanças
Ágide Meneguette (PR)

Vice-Presidentes
Almir Moraes Sá (RR)
Álvaro Arthur Lopes de Almeida (AL)
Ângelo Crema Marzola Júnior (TO)
Assuero Doca Veronez (AC)
Carlos Augusto Melo Carneiro da Cunha (PI)
Carlos Fernandes Xavier (PA)
Carlos Rivaci Sperotto (RS)
Eduardo Silveira Sobral (SE)
Eurípedes Ferreira Lins (AM)
Francisco Ferreira Cabral (RO)
João Martins da Silva Júnior (BA)
José Antônio de Ávila (MT)
José Hilton Coelho de Sousa (MA)
José Ramos Torres de Melo Filho (CE)
José Zeferino Pedrozo (SC)
Leôncio de Souza Brito Filho (MS)
Leônidas Ferreira de Paula (RN)
Luiz Iraçu Guimarães Colares (AP)
Macel Félix Caixeta (GO)
Mário Antônio Pereira Borba (PB)
Nyder Barbosa de Menezes (ES)
Renato Simplício Lopes (DF)
Roberto Simões (MG)
Rodolfo Tavares (RJ)

Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada.
Estudo do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil / Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da ESALQ, Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. – Brasília: CNA; MAPA, 2006.
.... p. : il. – (Coletânea Estudos Gleba; 40)

1. Cavalo – Agribusiness - Brasil. 2. Cavalo – Produção – Viabilidade - Brasil. I. Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. II. Título. III. Série.

CDU 636.1:338.43(81)

Sumário

Apresentação	5
Depoimentos	6
1. Introdução	8
2. Metodologia	10
3. Enfoque conceitual do Complexo do Agronegócio Cavalo	11
4. Importância do cavalo na formação do Brasil	16
5. Caracterização do perfil atual da atividade de criação de cavalos no Brasil	19
6. Principais segmentos do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil – atividades *antes da porteira*	26
7. Principais segmentos do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil – atividades *dentro da porteira*	40
8. Principais segmentos do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil – atividades *pós-porteira*	57
9. Principais segmentos do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil – atividades de apoio	64
10. Ambiente de negócios	66
11. Conclusões e recomendações	68

Apresentação

Pio Guerra
Vice-Presidente Executivo da CNA
Presidente da Comissão Nacional do Cavalo da CNA
Presidente da Câmara Setorial da Eqüideocultura do MAPA

O Brasil tem hoje a consciência de que é uma potência no agronegócio, com reflexos dentro e fora do País. Este reconhecimento se estende a vários segmentos da agropecuária: soja, café, cana-de-açúcar, pecuária de leite e de corte, entre outros. Todos estes produtos já contam com espaços apropriados à discussão de suas agendas no âmbito da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Com o terceiro maior rebanho do mundo, seria descabido a eqüinocultura não se organizar a ponto de ter, também, um foro permanente de debate de suas questões.

Inicialmente, nas conversas mantidas com as 23 associações de produtores de cavalos no Brasil, foi unânime a conveniência de se criar este foro único, principalmente após a desativação da antiga CCCCN (Comissão Coordenadora da Criação do Cavalo Nacional). Esta união foi restabelecida pela Comissão Nacional do Cavalo, criada na CNA. Na nossa primeira reunião, identificou-se a inexistência de estudos, documentos e pesquisas que oferecessem informações consistentes sobre a composição e o funcionamento do agronegócio cavalo no Brasil.

Assim, a primeira deliberação foi buscar o apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para a contratação de uma entidade séria, que pudesse fazer a radiografia dos diversos agentes econômicos que atuam em torno da criação de cavalos no Brasil. Tivemos a sorte de contratar a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq). O resultado é este estudo pioneiro, cujos dados preliminares atestam, por si só, a sua importância: a eqüinocultura mobiliza R$ 7,3 bilhões e gera 3,2 milhões de empregos diretos e indiretos no Brasil.

Resta, agora, a todos que tiverem acesso a este documento identificar as oportunidades de aperfeiçoamento nas ações de cada segmento empresarial envolvido e as alianças possíveis entre os setores público e privado para ampliarmos as possibilidades de sucesso do setor. Com um clima apropriado ao uso do cavalo durante todo o ano, uma diversidade ambiental e cultural que incentiva as atividades esportivas e de lazer com o cavalo, além de 100 milhões de hectares agricultáveis ainda por explorar, não será uma tarefa difícil.

Boa leitura!

Depoimentos

A iniciativa deste estudo faz jus à dimensão econômica e social da eqüinocultura brasileira, cujos resultados ressaltam a realidade deste segmento do agronegócio. Sem informações precisas e dados confiáveis, é pouco provável encontrarmos respostas adequadas às necessidades do setor. Agora, os caminhos ficam mais claros e as soluções poderão ser construídas com eficiência. O agronegócio cavalo emergiu deste trabalho revelando sua grandiosidade e a capacidade de interagir com um número inimaginável de atores econômicos.

Roberto Rodrigues – Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

A criação de cavalos no Brasil é uma atividade que emprega milhares de pessoas, em todo o País. Não pode ser vista como simples conseqüência da valorização para o homem urbano, da vida do campo. A criação de cavalos e, de maneira especial, a criação de cavalos de raças nacionais representa base econômica e social relevante, cujo produto é competitivo no mundo inteiro.

Senador Sérgio Guerra – Presidente da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado Federal

O universo rural tem lá suas contradições! Beleza e rusticidade, lazer e trabalho, riqueza e simplicidade. Na diversidade da atividade rural, o cavalo é o meio de transporte, é o que tange o gado, é o motivo de orgulho do criador, é o lazer da meninada, é o prazer do peão, é aquele que primeiro começa o trabalho na fazenda. Além das suas incríveis habilidades, o cavalo também é fonte de trabalho e renda. Milhares de brasileiros dependem da criação e da atividade do cavalo. O Estudo que a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) brilhantemente publica é importantíssimo para que possamos compreender a dinâmica do agronegócio cavalo. Por meio dessa iniciativa vamos conhecer as ações necessárias para promover a expansão da criação desse animal, que tem sido o grande parceiro do homem em todos os tempos.

Deputado Abelardo Lupion – Presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados 2006

“Ao dimensionar o agronegócio cavalo no Brasil, quantificando finalmente o leque de empreendimentos que giram em torno da criação de cavalo no País, este estudo mostra a relevância das atividades do turfe nacional. Somente quatro Jockeys Clubs criam cerca de quatro mil empregos e movimentam em torno de R$ 359,5 milhões por ano”.

Luis Alfredo Taunay – Presidente do Jockey Club Brasileiro

“Primeiro o homem anda a pé, depois à cavalo, mais para frente tem um carro velho, depois uma Ferrari. E, por fim, quer outra vez o cavalo. Além de sua enorme importância como fator econômico, o cavalo é um instrumento de lazer contemporâneo que ganha espaço na agenda do homem urbano, trazendo-o de volta ao atavismo do campo”.

Antônio Ernesto de Salvo – Presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

1 Introdução

Os negócios que envolvem a criação e utilização do cavalo ocupam uma posição de destaque nos países desenvolvidos e em muitos daqueles em desenvolvimento, como o Brasil. No entanto, pouco se conhece sobre a configuração do Agronegócio Cavalo, particularmente a sua contribuição na geração de renda e de postos de trabalho. Mais grave, muitas vezes, a imagem do setor é distorcida e carregada de preconceitos. Para muitos, a "indústria" do cavalo está relacionada ao interesse restrito de uma elite e distante da realidade do brasileiro médio.

O rompimento dessa imagem, formada ao longo de extenso período que tem origem no início da formação do Brasil, não deverá ser tarefa fácil, muito menos rápida. É necessário conhecer e dimensionar o Agronegócio Cavalo, criar sustentação teórica para a formulação de políticas que permitam o desenvolvimento da eqüinocultura no Brasil, assim como dos diversos segmentos econômicos relacionados a essa atividade, que são responsáveis pela geração de centenas de milhares de empregos diretos.

Ainda são muito escassas as iniciativas visando o aprofundamento dos conhecimentos sobre o Agronegócio Cavalo. Aquelas até agora empreendidas não alcançaram a extensão e a profundidade necessárias para a sustentação de políticas e ações de maior alcance para o desenvolvimento da eqüinocultura brasileira. Até mesmo o Governo, através dos seus ministérios e órgãos, tem dado pouca atenção ao tema. Ao contrário de bovinos, aves, suínos e ovinos, os eqüinos não aparecem com destaque nas pesquisas e censos governamentais.

Com o objetivo de contribuir para o preenchimento desta lacuna, o presente estudo buscou verificar a configuração do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil, assim como sua dimensão econômica e social. Pretendeu-se, também, discutir alguns aspectos institucionais, de estrutura e desempenho do setor. Esta iniciativa é o primeiro produto resultante de uma solicitação da Comissão Nacional do Cavalo e de seu presidente, Pio Guerra, com apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Ao identificar e analisar as relações e interações de quase 30 diferentes agentes e/ou segmentos envolvidos com a "indústria do cavalo" o estudo inovou ao propor uma concepção inédita para a compreensão da atual estruturação desta importante atividade. Da mesma forma, deve-se destacar o pioneirismo do estudo ao revelar a importância social e econômica da atividade, traduzida por uma movimentação econômica da ordem de R$ 7,3 bilhões por ano e a ocupação direta de cerca 640 mil pessoas, cifra que poderia atingir a casa de 3,2 milhões se forem incluídos aqueles empregos considerados indiretos. Na Tabela 1 apresenta-se uma síntese da dimensão social e econômica atingida pelos diversos segmentos que compõem o Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil.

Tabela 1 – Resumo das contribuições dos diversos segmentos do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil.

Segmento	Movimentação econômica (R$)	Empregos diretos
Medicamentos Veterinários	54.142.630,20	300
Rações	53.440.000,00	n c
Selaria	174.600.000,00	12.000
Casqueamento e Ferrageamento	143.640.000,00	2.100
Transporte de Eqüinos	86.400.000,00	85
SENAR	976.000,00	30
Mídia	10.000.000,00	n c
Militar	176.000.000,00	6.286
Lida	3.954.275.000	505.050
Equoterapia	43.200.000,00	2.500
Esportes (hipismo)	57.600.000,00	2.000
Pólo	1.684.400,00	1.500
Vaquejada	164.000.000,00	1.430
Turismo Eqüestre	21.000.000,00	1.500
Escolas de Equitação	78.000.000,00	9.000
Jockey	359.500.000,00	4.000
Trote	1.000.000,00	150
Exposições e Eventos	146.100.000,00	n c
Segmento "Consumidor"	1.654.400.000,00	91.429
Leilões	19.100.000,00	200
Exp. e imp. de Cavalos Vivos	8.833.623,68	n c
Carne	80.000.000,00	1.000
Curtume	15.000.000,00	160
Seguro	2.500.000,00	n c
Veterinários	20.000.000,00	500
Total	7.325.391.653,88	641.220

Essa expressividade do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil ainda não se traduz em prioridades em termos de políticas públicas de apoio à atividade nem na disponibilização de instrumentos de fomento que tradicionalmente são direcionados para outros setores ou complexos do agronegócio brasileiro.

Pela sua natureza exploratória e pioneira em termos de abrangência, este estudo não tem a pretensão de ser completo e nem definitivo. Trata-se de um primeiro trabalho – inédito, de filtragem e organização de informações dispersas e muitas vezes inconsistentes – no universo do cavalo no Brasil. Mais do que servir de apoio à formulação de políticas e estratégias, deverá mostrar futuros caminhos para o melhor entendimento da indústria eqüestre. Espera-se que, a partir deste estudo, novas políticas – de crédito, sociais, de fomento, entre outras – venham a ser formuladas para apoio, desenvolvimento e consolidação do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil.

n c – não calculado

2 Metodologia

O caráter pioneiro do estudo sobre o Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil pode caracterizá-lo como de amplo escopo e natureza exploratória, tendo em vista as peculiaridades da evolução e da conformação desta atividade, marcadas pela escassez e dispersão das informações. Em seu desenvolvimento, o estudo envolveu desde a revisão da literatura disponível, da geração de dados primários até a validação dos resultados obtidos, por meio da realização de painéis com atores e especialistas do agronegócio cavalo.

Inicialmente, foram identificados os principais agentes econômicos – privados e públicos – atuantes no setor, buscando o entendimento da dinâmica do complexo do agronegócio cavalo. O universo pesquisado incluiu representantes das associações de criadores e de diversos segmentos considerados chaves, tais como: indústrias de medicamentos, de equipamentos para transporte, selarias, hípicas, sindicatos e associações de profissionais, entre outros. Nesta fase, pesquisadores foram a campo e aplicaram questionários junto a criadores (dos mais diversos portes e para diversas finalidades) nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal, Bahia e Sergipe. Adicionalmente, inúmeras entrevistas foram realizadas – por telefone e por e-mail – com criadores, empresários e pessoas ligadas ao Agronegócio Cavalo. Também foram visitados eventos – exposições e festas – para complementar o trabalho dos levantamentos de campo.

Ao longo do estudo, algumas estimativas foram realizadas. Optou-se sempre pela consideração dos números mais conservadores. Isto significa que muitos valores podem estar subestimados. Em momentos em que não foram encontrados dados quantitativos sobre o tamanho e a movimentação econômica em torno de determinado segmento do agronegócio cavalo, optou-se por não proceder cálculos ou estimativas que pudessem não atingir a confiabilidade desejada. Deve-se destacar que, em muitos segmentos, não existe um mecanismo sistemático de coleta, depuração e verificação, armazenamento e divulgação de informações referentes, por exemplo, ao número de pessoas empregadas (e/ou o número de diárias trabalhadas). Nos casos em que foi possível realizar estimativas, foram estimados:

•**a-** *número de pessoas ocupadas* - nestas estimativas foram consideradas pessoas ocupadas na atividade, tanto com emprego formal quanto os trabalhadores informais. Para estas pessoas, foi considerada apenas a proporção do tempo dedicado à atividade ligada ao cavalo;

•**b-** *movimentação econômica* - nas diversas atividades, foi estimado não apenas o faturamento formal, mas toda a dimensão econômica da atividade. Por exemplo, para uma atividade de educação que fornece cursos gratuitos aos alunos, foram considerados as remunerações dos instrutores, o material utilizado, transporte, luz, aluguel e demais custos e despesas incorridos para a realização da atividade.

O procedimento metodológico detalhado, bem como todas as memórias de cálculo utilizadas, encontram-se no Relatório Final do Estudo do Complexo do Agronegócio Cavalo apresentado à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Enfoque Conceitual de Complexo do Agronegócio Cavalo

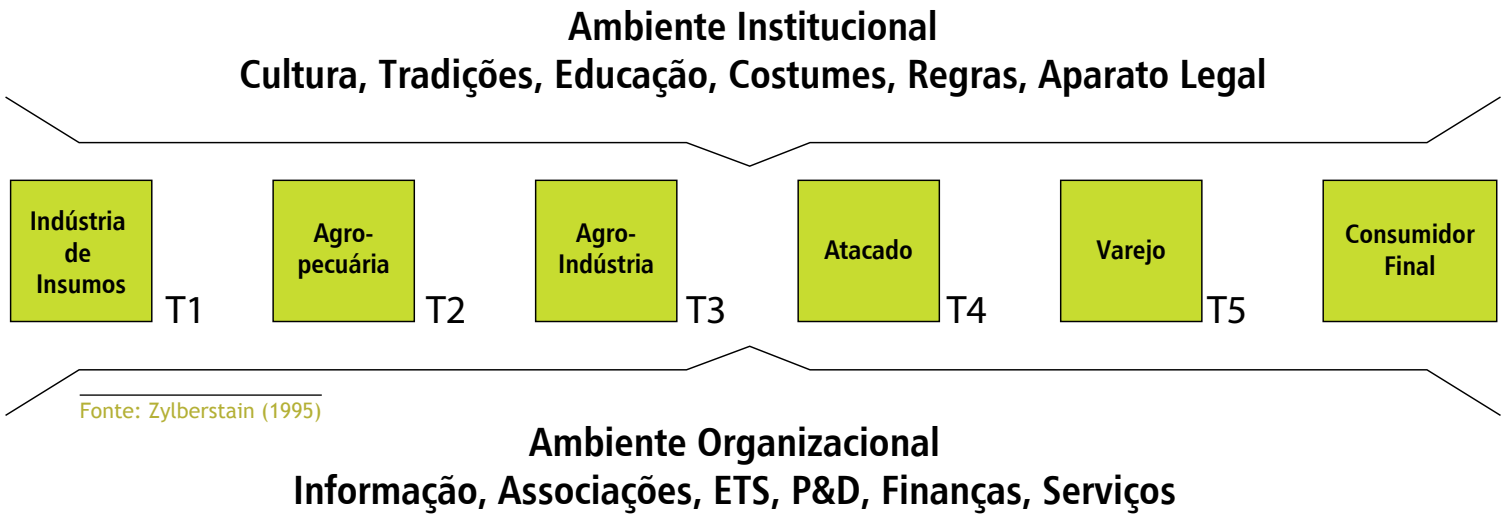
O termo *agribusiness* foi utilizado pela primeira vez em outubro de 1955 por John H. Davis referindo-se à soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas e itens produzidos com eles. Ou seja, o termo engloba todas atividades existentes, desde a produção e distribuição dos insumos utilizados na atividade produtiva "dentro da porteira", a própria atividade e até a comercialização (o que inclui armazenamento, processamento e distribuição) dos produtos e subprodutos originários da atividade agropecuária.

O surgimento desse conceito está associado às transformações que ocorreram no setor ao longo do tempo. Com a evolução dos sistemas de produção e o surgimento de modernos parques industriais fornecedores de bens e insumos para o campo as relações entre indústria, serviços e agropecuária se estreitaram.

Associado ao conceito de agronegócio tem sido utilizado com muita freqüência, o conceito de cadeia de produção agroindustrial – entendida como o conjunto de etapas consecutivas pelas quais os diversos insumos passam e vão sendo transformados e transferidos, até a chegada do produto final ao consumidor – parte da premissa de que a produção de bens e serviços pode ser representada como um sistema. Neste, os diversos agentes estão interconectados por fluxos de materiais, de capital e de informação, com o objetivo de suprir um mercado consumidor com os produtos do sistema. O funcionamento geral deste sistema deixou de ser interpretado como um simples somatório de suas partes componentes e passa a ser visto como resultado de complexas inter-relações de um conjunto de partes intimamente relacionadas.

A Figura 1 apresenta um diagrama genérico de uma cadeia de produção agroindustrial. No caso da pecuária de corte (cadeia de produção da carne bovina) , por exemplo, não é difícil identificar os diversos elos da cadeia. No seu início, no item "insumos", localizam-se os fornecedores de rações, de sementes para pastagem, a indústria de medicamentos veterinários etc. A seguir, tem-se o pecuarista, o criador do gado de corte. Este fornece o boi para o próximo elo, o frigorífico. Antes de o produto final chegar ao consumidor (elo final da cadeia), ainda há duas atividades responsáveis pela distribuição final: o atacado e o varejo.

Figura 1: Diagrama de uma cadeia industrial

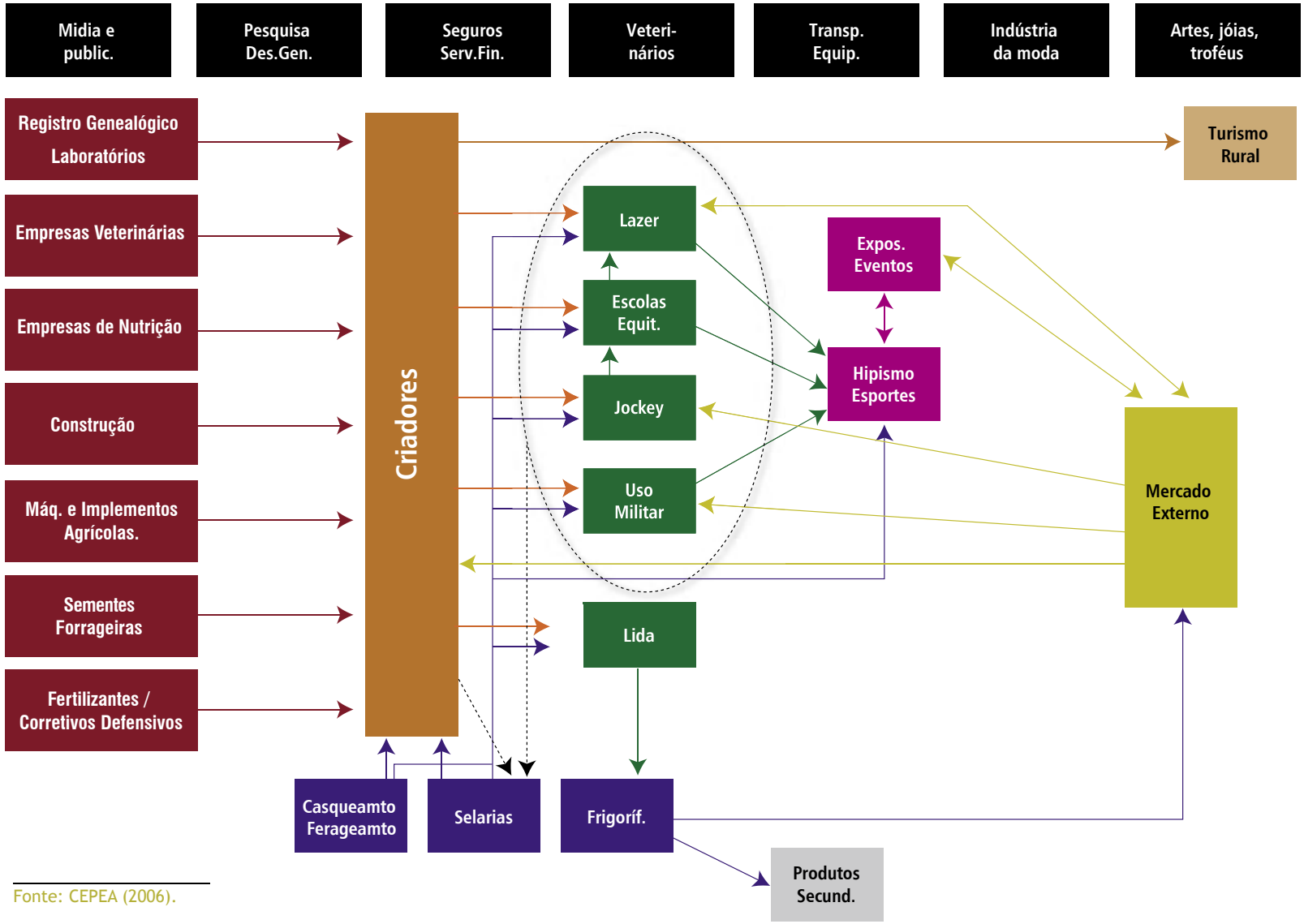


Fonte: Zylberstain (1995)

Ao contrário de muitas atividades agropecuárias, o agronegócio que envolve o cavalo não se enquadra nessa estrutura padrão, de cadeia produtiva linear, apresentada na Figura 1. Na realidade, existe uma série de cadeias entrelaçadas, formando o que é denominado complexo agropecuário.

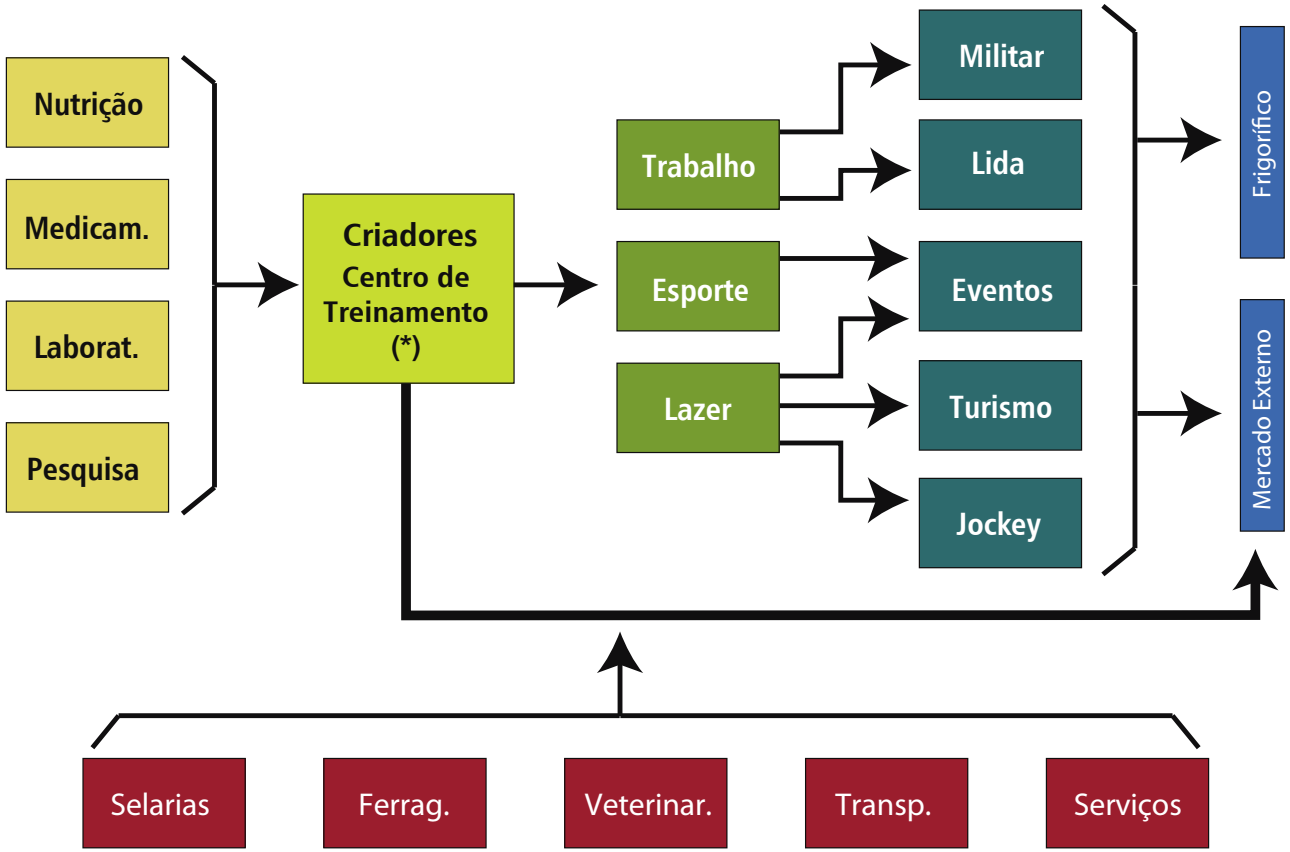
No caso do agronegócio cavalo, muitas vezes, uma atividade apresenta um papel duplo (Figura 2). Por exemplo, uma escola de equitação pode tanto ser o consumidor final do produto cavalo quanto ser um elo anterior ao frigorífico na cadeia da carne de eqüinos. Além disto, ao contrário de muitas cadeias agroindustriais tradicionais, o principal fator dinâmico do setor não está localizado na indústria à montante.

Figura 2 – Diagrama esquemático da configuração do complexo do agronegócio cavalo.



Fonte: CEPEA (2006).

Figura 3 – Configuração Simplificada do Complexo do Agronegócio Cavalo



* Apenas parte dos criadores utiliza centro de treinamento.

Fonte: CEPEA (2006).

Diante dessas características específicas do agronegócio cavalo, não seria adequado configurar a atividade através da tradicional seqüência: indústria à montante; agropecuária; e indústria à jusante. Ao invés disso, justifica-se o emprego do conceito de complexo, o qual tem início com a indústria à montante e, a partir daí, as diversas atividades são divididas com base nos aspectos funcionais do cavalo, e não exatamente em atividades pecuárias e industriais, conforme ilustrado na Figura 3.

Algumas atividades, potencialmente participantes desta configuração, em especial a indústria da moda, não foram consideradas. Isto decorre, em grande parte, da inexistência – na realidade brasileira atual – de articulações intersetoriais entre a agropecuária e aquele tipo de indústria. Esses setores, infelizmente, não apresentam coordenação, tornando difícil a segregação de eventuais sobreposições de atividades[1].

Deve-se mencionar, ainda, que a literatura – acadêmica ou não – utiliza as expressões cadeia e complexo agroindustrial com diferentes objetivos. Não há um consenso quanto ao dimensionamento de agronegócio e de agroindústria, o que provoca dificuldades metodológicas em estabelecer o que realmente deve ser englobado nestes conceitos e, principalmente, quanto a forma de mensurá-los. Os critérios de mensuração acabam dependendo do que se quer enfatizar, do nível de análise e da disponibilidade de informações. Por exemplo, no caso da mensuração do PIB só se considera o valor adicionado em cada atividade. O valor adicionado representa o pagamento efetuado pelos setores produtivos aos serviços dos fatores de produção, isto é, salários, juros, lucro, renda da propriedade e impostos pagos ao governo. A noção de valor adicionado parte do princípio de que, num determinado período de tempo, uma mercadoria pode participar de vários processos produtivos, até chegar ao consumo final. Este procedimento é fundamental para se evitar a dupla contagem naquela avaliação.

Usualmente, na análise de cadeias e de complexos agroindustriais, o dimensionamento econômico não é baseado no valor adicionado, mas pelo valor bruto da produção. Isto limita a comparação direta entre complexos agroindustriais e não permite verificar, de forma direta a importância da atividade na formação do PIB do País. Desta forma, as análises e as conclusões apresentadas no presente estudo e suas possíveis comparações com resultados obtidos em estudos de outros complexos ou cadeias devem ser realizadas com a necessária cautela. Neste trabalho, mede-se o produto gerado nas diversas atividades efetivamente relacionadas ao cavalo no Brasil e não o PIB[2] do Complexo do Agronegócio Cavalo.

1- Por exemplo, a moda denominada *country* está baseada no universo rural, em que o cavalo é apenas um componente com importância relativa menor quando comparado aos outros componentes como o gado bovino. Nas entrevistas realizadas com empresas do setor de moda *country* - incluindo aquelas que estão sempre presentes em eventos como rodeio e exposições – verificou-se que os empresários não diferenciam o cavalo do restante do universo *country*. Por exemplo, a produção e comercialização de calças *jeans* são realizadas indiferentemente, para pessoas ligadas ao cavalo ou ao boi ou qualquer outro elemento rural.

2 - Infelizmente, mesmo que desejado, o cálculo do PIB da atividade não seria possível em razão da inexistência de dados (do IBGE ou qualquer outra instituição) suficientemente detalhados. As informações existentes são agregadas em grandes grupos de atividades.

4 Importância do cavalo na formação do Brasil

O cavalo exerceu importante papel na formação econômica, social e política do Brasil. Esta memória, pouco discutida na literatura, permite compreender aspectos fundamentais para a configuração do atual perfil do agronegócio do cavalo. Adicionalmente, esta revisão histórica auxilia a melhor compreensão da configuração e da dinâmica dos segmentos que compõem a atividade, conforme se verá a seguir.

No aspecto econômico, desempenhou as funções de sela (para o vaqueiro e o peão, nas lides comuns à pecuária); de carga (nos comboios ou comitivas); e, de tração ("motor" de veículos de carga e de moendas). No aspecto social – englobando exibicionismo, vaidade, orgulho e diferenciação social – o cavalo desempenhou seu papel tanto na função de sela quanto de tração dos veículos. A partir da segunda metade do século XIX, destacam-se no aspecto social, as atividades de esportes e lazer, como corrida e salto.

4.1 – A Introdução do Cavalo no Brasil

As características do processo de introdução do cavalo no Brasil diferem daquelas verificadas nos demais países do continente americano. Nos países de colonização espanhola, a principal função do cavalo foi como armas de guerra. Na sua segunda viagem à América, em 1494, Cristóvão Colombo trouxe alguns exemplares para a Ilha de São Domingo. Na América do Sul, a introdução do cavalo ocorreu em 1532, quando Pizarro utilizou cavalos na sua incursão no Peru.

Oficialmente, a chegada de cavalos no Brasil só foi registrada em 1549. Naquele ano, Tomé de Souza, primeiro governador-geral, mandou vir alguns animais de Cabo Verde para a Bahia, na caravela Galga. Assim, nos primeiros anos da Colônia, a sua criação junto com o gado bovino foi iniciada formalmente e seria fundamental para a formação do Brasil.

A base econômica do Brasil colonial era composta por duas atividades principais: a açucareira e a criatória (ressalta-se que a criação de gado bovino sempre era acompanhada de tropa de cavalos para a lida[3]), mas, com diferenças significativas em suas características, uma vez que, enquanto a atividade açucareira limitou-se à zona da mata, a pecuária foi o principal fator de penetração e ocupação do interior do Brasil.

Outra importante diferença ocorreu na ocupação territorial. Numa época em que ainda não existia arame, logo surgiram conflitos entre agricultores que viam suas lavouras invadidas (e destruídas) por animais e os criadores. O Governo português regulamentou esta disputa. Uma Carta Régia de 1701 proibiu a criação de animais a menos de 10 léguas da costa, onde se localizavam as

3- Segundo Simonsen (1969, p.151), em Pernambuco, "um bom estabelecimento carecia de quarenta negros adultos de ambos os sexos, outros tantos bois e igual número de cavalos".

lavouras. Desta forma, a criação é forçada para o interior do sertão, em terras mais pobres. A pecuária se torna uma atividade itinerante, de acordo com o regime de águas e a distribuição dos mercados. A ocupação da terra era extensiva. A acumulação de capital (gado) ocorria sempre que havia disponibilidade de terra por ocupar, independente da demanda.

Com o início do ciclo da mineração no interior do Brasil, surge também a necessidade de abastecer os núcleos mineradores, reforçando a interiorização do gado. Nesse processo, o cavalo também foi para o interior do Brasil, expandindo a criação nas direções do Centro-Oeste e Norte, a partir de dois centros: Bahia e Pernambuco. Na Bahia, a criação se espalhou para o norte e noroeste em direção ao Rio São Francisco. De Pernambuco, o movimento também seguiu uma direção norte e noroeste, no sentido dos atuais Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, contribuindo para a ocupação da faixa litorânea do Nordeste.

No Sul, a introdução do cavalo ocorreu de forma distinta. Na região dos atuais Estados do Paraná e Santa Catarina misturaram-se os cavalos vindos de São Paulo (junto com a criação de gado bovino) com cavalos descendentes de animais extraviados da viagem de Cabeça de Vaca. Rapidamente, a criação de cavalos no Rio Grande do Sul ganhou importância, transformando-se em fornecedor de eqüídeos para as demais regiões. Neste ponto, deve-se destacar a importância do comércio de cavalos envolvendo vendedores e compradores das mais diversas regiões em feiras, destacando-se a que ocorria em Sorocaba (SP). Estas feiras desempenharam papel de grande relevância na formação da infra-estrutura unitária do Brasil colonial.

A criação de cavalos no Brasil colonial teve também importância estratégica. Durante o século XVII e parte do século XVIII, o Brasil foi o grande fornecedor de cavalos para as tropas portuguesas na África. Portugal tinha grande necessidade de cavalos para suas tropas, tanto para utilizar como armas de guerra, quanto para intimidar os africanos, que demonstravam pavor ao cavalo. Diversas cartas do Rei de Portugal, desde 1648, ordenavam o envio de cavalos para Angola, chegando a tornar obrigatório o seu envio para África.

O fato de o Brasil exportar cavalos nunca inibiu a sua importação. E, cavalos de melhor qualidade começaram a ser importados com a chegada da família real. Em 1808, na sua fuga para o Brasil, D. João VI trouxe os cavalos da coudelaria do Alter Real para o Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1819, determinou a criação do Estabelecimento de Manadas Reais, em Minas Gerais, com a importação de cavalos. Outras importações de destaque ocorreram também em 1821 (de cavalos da Áustria, pela Imperatriz D. Leopoldina) e 1825 (de cavalos ingleses, para a coudelaria de Cachoeira dos Campos).

4.2 – A Contribuição Militar

A utilização militar do cavalo explica, em grande parte, a evolução dos povos, a começar pelas tribos nômades da Ásia Central, passando pelas Invasões Bárbaras e a Conquista do Novo Mundo. Mesmo na era moderna, o cavalo tem tido papel de destaque nas campanhas militares. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) havia um eqüino para cada quatro soldados. Muitos cavalos foram enviados para a frente de batalha: França e Inglaterra utilizaram 2.770.000 cavalos, os Estados

Unidos enviaram 923.580 eqüinos para Europa, enquanto a Alemanha contou com 1.236.000 animais. Mesmo na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a utilização do cavalo militar foi intensa. E, ainda nos dias atuais, o uso do cavalo tem sido uma opção valiosa na guerra travada pelos Estados Unidos nas montanhas do Afeganistão.

O Brasil, com sua ampla dimensão geográfica, diversidade de relevo e precária malha rodo e ferroviária, teve e tem no cavalo grande utilidade.

O surgimento da Cavalaria no Brasil está relacionado ao término da guerra contra os holandeses em Pernambuco. Naquela época, foi organizado o Regimento de Dragões Auxiliares. Posteriormente, já no governo do Marquês de Pombal, foi criado o Regimento de Dragões, no Rio de Janeiro, para garantir a lei e a ordem. Na região Sul, devido a lutas em torno da Colônia do Sacramento, foi organizado o Regimento de Dragões do Rio Grande, preocupado com a segurança na fronteira brasileira.

Em 1765, foi criado o Regimento de Cavalaria Ligeira com duas Companhias, com objetivo de fazer a guarda particular dos Vices-Reis. No ano de 1808, pouco antes da chegada da família real portuguesa no Brasil, D. João VI criou o 1º Regimento de Cavalaria de Guardas. Posteriormente, em 1946, este Regimento, a mais tradicional unidade de cavalaria do Exército brasileiro, teve sua denominação alterada para Primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas, os Dragões da Independência.

O cavalo tem sua importância também em outra Arma, a Artilharia, destacando-se o 32º Grupo de Artilharia de Campanha, conhecido como Bateria Caiena. A origem do nome se deve à tropa que levava seu armamento tracionado por cavalos, que conquistou a ilha de Caiena, em 1809, na Guiana Francesa.

No século XIX tiveram início os esforços do exército na formação de reserva de eqüinos para fins de segurança nacional, com a abertura da primeira Coudelaria Nacional de Saican, no Estado do Rio Grande do Sul. Lamentavelmente, a busca de resultados imediatos e a falta de planejamento prejudicaram os resultados da Saican. No entanto, ao longo do século XX foram abertas outras coudelarias. No final do século XX, o Exército optou por fechar as diversas coudelarias no País, centralizando as atividades numa única coudelaria (Rincão), no Rio Grande do Sul.

No entanto, o papel do cavalo militar vai além dos aspectos de segurança, tendo sido relevante no desenvolvimento de outras áreas, como a educação e o esporte. Passando por várias designações, historicamente, a equitação sempre fez parte do treinamento militar. Atualmente, o Exército mantém a Escola de Equitação localizada na cidade do Rio de Janeiro, no mesmo aquartelamento do Regimento Escola de Cavalaria, e tem capacidade para alojar um plantel de 100 cavalos.

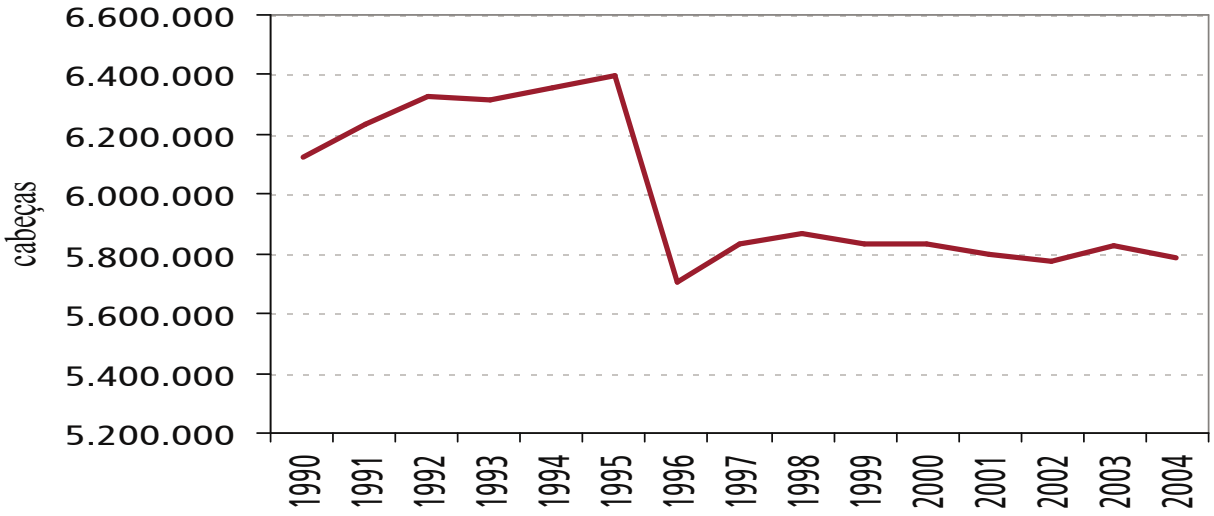
Atualmente, no Exército, os eqüinos são utilizados para diversas finalidades, tais como: *ações de garantia da lei e da ordem nos Regimentos de Cavalaria; participação em cerimonial militar (desfiles, guarda de honra e escoltas de autoridades); patrulhamento em organizações militares e nos campos de instrução; instrução militar nas escolas de formações de oficiais e praças; produção de imunobiológicos (soro antiofídico); prática desportiva, integrando comissões de desportos nacionais; atividades de eqüoterapia; e programas de estudos e melhoramentos da eqüídeocultura nacional, na Coudelaria de Rincão.*

Caracterização do Perfil Atual da Atividade de Criação de Cavalos no Brasil

5.1 Distribuição Geográfica da Tropa

Este estudo enfrentou o desafio da escassez de dados quantitativos da tropa nacional e a qualidade das informações disponíveis. A Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), elaborada anualmente pelo IBGE, foi uma das principais fontes utilizadas. Essa publicação contém inúmeros dados com abrangência nacional, desagregados por Município e atualizados até o ano de 2004. Esta base de informação alimenta, também, os bancos de dados de importantes instituições, como as estatísticas publicadas pela FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations). Embora a PPM não tenha o rigor dos levantamentos do Censo Agropecuário, tem a grande vantagem de apresentar dados mais recentes, além de ter demonstrado interessante grau de confiabilidade na pesquisa de campo. Verifica-se a evolução recente do efetivo eqüino brasileiro na Figura 4, na qual se destaca forte ajuste nas estatísticas após a realização do Censo Agropecuário de 1995.

Figura 4 – Brasil: evolução da tropa no período de 1990 a 2004.



Fonte: IBGE (2006).

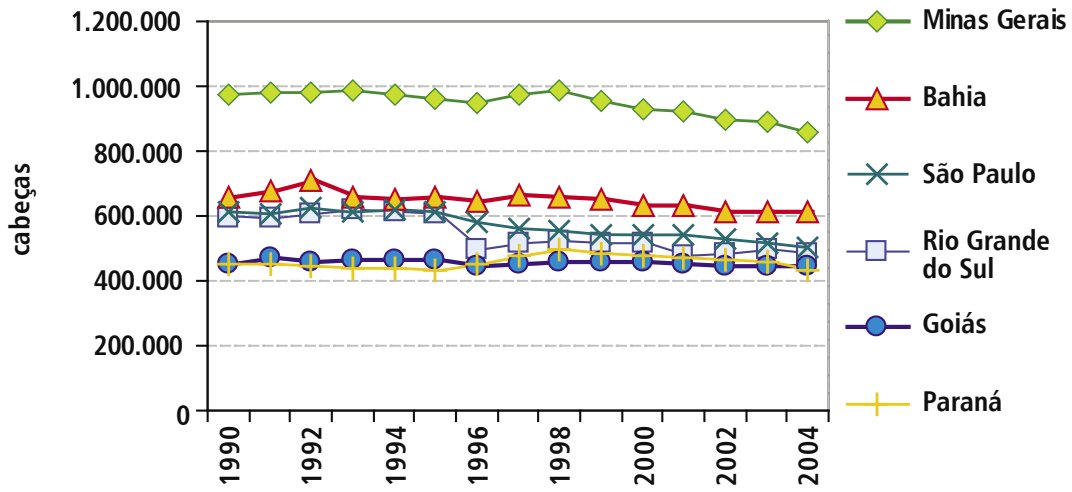
Caracterização do Perfil Atual da Atividade de Criação de Cavalos no Brasil

De acordo com os dados da PPM, a tropa brasileira totalizava 5.787.250 eqüinos em 2004. Assim como o plantel localizado nos principais estados criadores, esse número indica leve tendência de redução do efetivo nos últimos anos (Figura 5).

A análise dos dados entre 1990 e 2003 indica que a tropa deslocou-se em direção às regiões Centro-Oeste e Norte, com destaque para o Estado de Rondônia, demonstrando que a tropa nacional está passando por um processo de desconcentração. Ver Figura 6. A exemplo do que tem ocorrido desde a introdução do cavalo no Brasil, esta redistribuição ocorre, ainda hoje, pela associação de grande parcela do rebanho de cavalo com as atividades da pecuária bovina. Isto é confirmado pela alta correlação entre a tropa (eqüinos) e o rebanho bovino, conforme mostrado na Tabela 2. Essa correlação entre quantidade de bovinos e de eqüinos indica que as distribuições territoriais dos rebanhos são muito próximas.

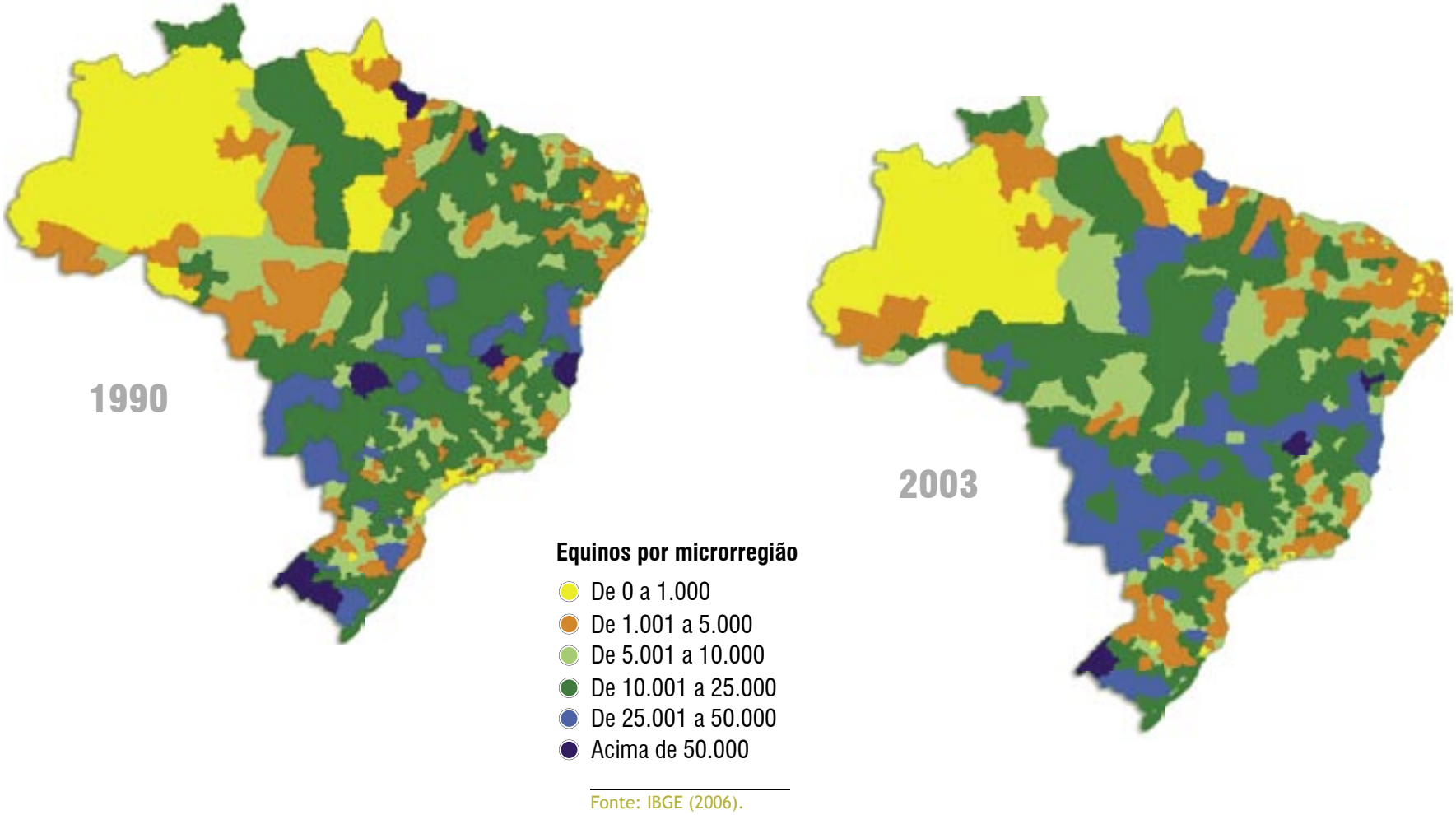
Nas últimas décadas, a pecuária bovina de corte atravessou período de grandes mudanças estruturais. Entre outros fatores, os ganhos de produtividade no setor têm permitido conquistas de novos mercados internacionais e a expansão da atividade, inclusive com a redistribuição geográfica do rebanho no território nacional. Os principais promotores dessa migração são o baixo valor relativo das terras brutas, disponibilidade de grandes áreas para expansão da fronteira e condições edafoclimáticas favoráveis.

Figura 5 – Brasil: evolução da tropa nos principais Estados criadores no período de 1990 a 2004.



Fonte: IBGE (2006).

Figura 6 – Brasil: distribuição geográfica da tropa (número total de animais) por microrregião, em 1990 e 2003.



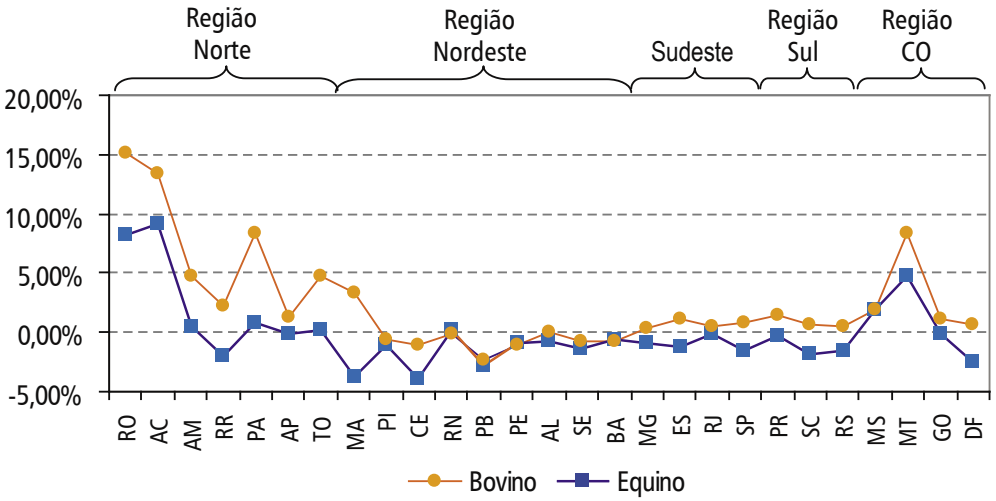
Fonte: IBGE (2006).

Tabela 2 – Brasil: correlação entre as quantidades de diversos rebanho de animais presentes nos 5.558 Municípios, em 2004.

	Bovino	Suíno	Eqüino	Asinino	Muar	Bubalino	Ovino	Caprino
Bovino	1,000							
Suíno	0,097	1,000						
Eqüino	0,744	0,147	1,000					
Asinino	-0,049	0,088	0,139	1,000				
Muar	0,428	0,043	0,452	0,339	1,000			
Bubalino	0,010	0,051	0,096	0,010	-0,015	1,000		
Ovino	0,207	0,042	0,416	0,388	0,092	0,027	1,000	
Caprino	-0,023	0,055	0,066	0,514	0,111	0,053	0,471	1,000

Fonte: IBGE (2006).

Figura 7 – Brasil: evolução do rebanho bovino e da tropa (em % a.a.) no total do País e por Unidade da Federação, entre 1990 e 2004.



Fonte: IBGE (2006).

O crescimento do rebanho bovino tem ocorrido na direção da Amazônia e especialmente do Estado de Rondônia. Esse processo coincide com a mesma tendência anteriormente comentada para a tropa, confirmando a forte correlação entre a atividade pecuária e a eqüinocultura.

Outro parâmetro a confirmar a associação entre os dois rebanhos - bovino e eqüino - refere-se as suas taxas de crescimento anuais, em cada unidade da Federação, as quais apresentam comportamentos bastante similares (Figura 7). O índice de correlação entre as taxas anuais de crescimento é de 0,867.

Esta elevada associação existente entre a tropa e o rebanho bovino autoriza igual associação entre tendências e perspectivas para o rebanho eqüino, com base nas tendências e perspectivas para o gado bovino no Brasil. Por exemplo, dentre outros fatores de preocupação na bovinocultura, destaca-se o aspecto sanitário. A ocorrência da *doença da vaca louca* (encefalopatia espongiforme bovina) no Brasil poderia ter significativos impactos neste setor, com desdobramentos potenciais sobre a criação de eqüinos utilizados na lida. Suposições como essa assumem importância quando se sabe das restrições orçamentárias e institucionais atualmente relacionadas com a defesa sanitária na pecuária nacional.

Não obstante a importância do cavalo como animal de trabalho (indicada pela correlação entre o rebanho bovino e a tropa) existe uma tendência de crescimento na participação do cavalo de lazer[4] na tropa nacional. Um indicador desta tendência é o crescimento do número de eventos esportivos. Trata-se de um fenômeno mundial, que também ocorre no Brasil, cuja tendência foi confirmada neste estudo.

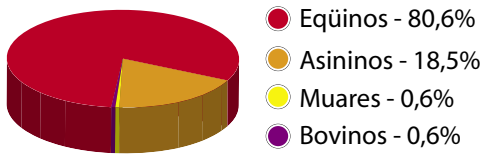
5.2 – Perfil das Propriedades

A análise do perfil das propriedades onde se desenvolve a atividade da eqüinocultura tomou como base uma amostra representativa do universo dos estabelecimentos agropecuários do País que, segundo o último Censo Agropecuário (IBGE, 1997), totalizavam 1.532.854 propriedades.

Em geral, pode-se afirmar que a criação nacional de eqüinos é desenvolvida predominantemente em áreas próprias – situação de cerca de 95% dos criadores entrevistados – sendo que o espaço efetivamente ocupado pelos eqüinos corresponde, em média, a 42% da área total da propriedade. O restante da área (58%) é ocupado com outras atividades, em especial com a criação de bovinos, tanto para corte quanto para leite. A Figura 8 apresenta a composição do plantel presente na amostra, por espécie.

4- O termo cavalo de lazer refere-se ao animal utilizado em atividades em que a geração de renda não é o objetivo principal da criação.

Figura 8 – Efetivo dos rebanhos por espécie.

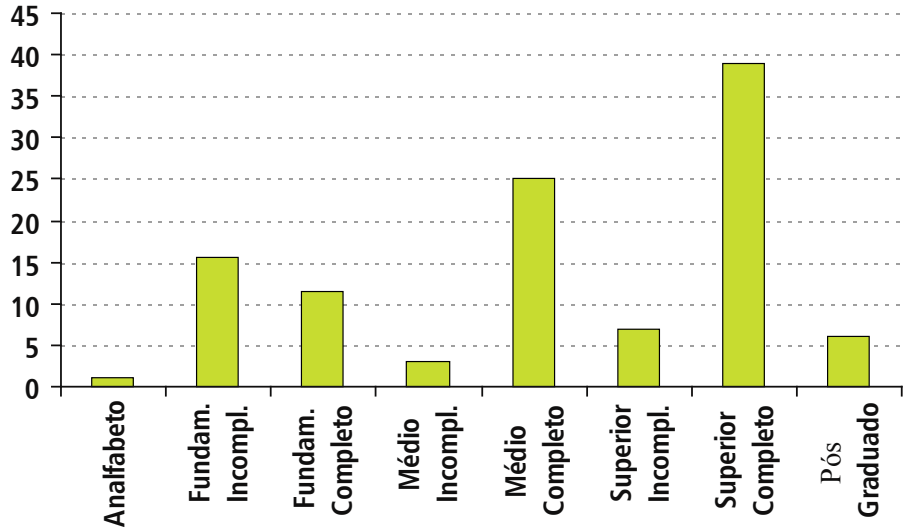


Fonte: CEPEA

Na maior parte das propriedades (75,68%), a criação de cavalos aparece como uma atividade secundária. Em geral, os seus proprietários são profissionais com atividade principal desenvolvida no setor urbano, tais como: médicos, advogados, empresários, entre outros. Este fato explica o baixo percentual de criadores que residem na propriedade onde ficam os cavalos (apenas 33,78%). Mesmo assim, a gerência, em grande parte, é realizada pelo proprietário. Apenas um terço das propriedades delegam a administração a terceiros. O grau de instrução do administrador é elevado, conforme pode ser observado na Figura 9. A gerência das propriedades é executada destacadamente por pessoas na faixa etária de 41 a 60 anos. O tempo médio que os criadores estão na atividade de eqüinocultura está em torno de 14 anos.

Cerca de três quartos dos criadores utilizam apenas mão-de-obra contratada. Os demais dividem-se igualmente entre aqueles que utilizam exclusivamente mão-de-obra familiar e os que utilizam uma combinação de mão-de-obra contratada com famíliar (Figura 10). Entre os que utilizam mão-de-obra contratada, 85,26% registram seus funcionários. A maioria dos criadores (67,57%) recebem apoio técnico de profissionais especializados, como veterinários e zootecnista.

Figura 9 – Grau de instrução do administrador.



Fonte: CEPEA (2006)

Figura 10 – Tipo de mão-de-obra utilizada.

Fonte: CEPEA (2006)

A grande maioria dos criadores (91,8%) compra insumos em empresas particulares, como agropecuárias ou distribuidores. Cerca de 8% realizam suas compras em cooperativas. O custeio da atividade é quase que integralmente (98,4%) bancado com recursos próprios.

Do grupo de entrevistados, 10,8% não compravam nem ração nem produtos farmacêuticos veterinários. Entre os que consumiam estes produtos, os gastos médios mensais por animal foram estimados em R$ 25,66 com ração e R$ 18,24 com produtos farmacêuticos veterinários. O consumo médio de ração foi de 5,12 kg/dia/animal, considerando apenas os cavalos que recebiam alguma quantidade de ração. Um resultado surpreendente foi a existência de uma proporção significativa de criadores que adquire apenas ração ou apenas produtos farmacêuticos veterinários e não as duas coisas simultaneamente. Era esperado que aqueles que fornecem ração também fornecessem medicamentos, pois seriam pessoas zelosas com o plantel. É possível que a pesquisa de campo não tenha captado o uso, muito comum, de medicamentos veterinários para bovinos ou humanos aplicados nos eqüinos. Assim, este resultado do levantamento deve ser objeto de estudos futuros para verificar a hipótese do consumo de medicamentos estar subestimado devido à omissão, nas respostas dos entrevistados, do consumo de medicamentos de bovinos ou humanos.

Os dados obtidos junto às diversas associações de criadores de cavalos mostram algumas características comuns, como a concentração da criação em poucos proprietários. Numa associação de criadores típica, os 20% maiores concentram cerca de 65% dos nascimentos e das coberturas e transferências de embrião, enquanto os 40% menores respondem por apenas 5%.

Principais segmentos do complexo do agronegócio cavalo no Brasil – atividades *antes da porteira*

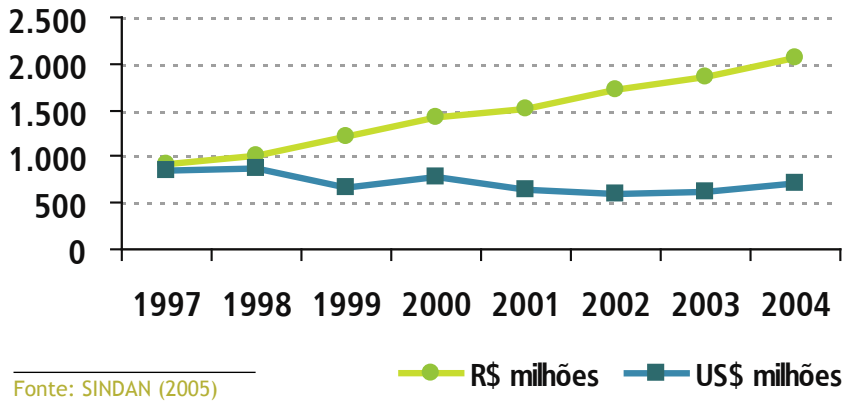
Aqui se apresenta e discute os principais segmentos que fornecem insumos, produtos e serviços para que a criação de cavalos possa ocorrer. Nesta parte do Complexo do Agronegócio Cavalo, enquadram-se, entre outros, os seguintes segmentos: medicamentos veterinários; rações; selarias e acessórios; casqueamento e ferrageamento; transporte de eqüinos; educação e pesquisa.

6.1 – O Mercado de Medicamentos Veterinários

Mundialmente, os países desenvolvidos detêm cerca de 70% do mercado de insumos veterinários. No entanto, o Brasil é o terceiro maior mercado de produtos veterinários, atrás apenas de Estados Unidos e Japão.

Embora o mercado brasileiro tenha apresentado um significativo crescimento nominal entre 1997 e 2004 - quando as vendas mais que dobraram, passando de R$ 923.629.719 para R$ 2.058.202.871 - em termos reais, o mercado não tem crescido. A evolução dos valores convertidos em dólares, por exemplo, mostra que nesse período houve uma queda média de 2,3% a.a., atingindo volume de faturamento equivalente a US$ 706.522.679, em 2004 (Figura 11).

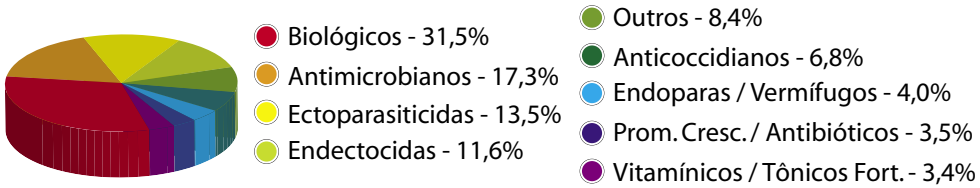
Figura 11 – Brasil: evolução do faturamento anual do mercado de medicamentos veterinários, 1997 a 2004, em milhões de reais e em milhões de dólares.



Fonte: SINDAN (2005)

A Figura 12 mostra a distribuição do mercado por classes terapêuticas. Observa-se que cerca de 50% do mercado é composto por produtos biológicos e antimicrobianos

Figura 12 – Brasil: distribuição percentual do mercado de medicamentos veterinários por classe terapêutica, 2004.

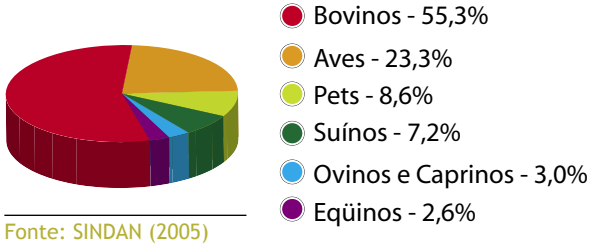


Fonte: SINDAN (2005)

Estima-se que os produtos para eqüinos representam 2,6% desse mercado, respondendo por R$ 54.142.630,20 do faturamento da indústria, em 2004 (Figura 13). No entanto, deve-se ressaltar que, na realidade, o cavalo é responsável por uma fatia maior das vendas, pois muitos produtos destinados aos bovinos são também aplicados em eqüinos. Ou seja, há um superdimensionamento do mercado de bovinos e um subdimensionamento do mercado de eqüinos. Adicionalmente, estima-se que de 3% a 5% do mercado de medicamentos veterinários para eqüinos é composto por produtos trazidos – irregularmente – do exterior.

Relativamente, poucos produtos farmacêuticos são específicos para eqüinos, inibindo ações mais agressivas da indústria fabricante neste segmento (preferem concentrar esforços na pecuária bovina). O segmento de eqüinos representa, em média, 4% do faturamento das empresas (este percentual tende a ser mais elevado quando analisamos apenas as empresas nacionais). Nota-se no mercado a competição entre grandes grupos[5] multinacionais químico-farmacêuticos e empresas nacionais com atuação regional[6]. A ocorrência de problemas sanitários e nutricionais, geograficamente limitados, assim como a distribuição das espécies, permite o surgimento de empresas de atuação regional. Estas, muitas vezes, ocupam nichos de mercado sem se confrontarem diretamente com as empresas multinacionais.

Figura 13 – Brasil: mercado de medicamentos veterinários por espécie animal, 2004.



Fonte: SINDAN (2005)

As empresas fabricantes de medicamentos veterinários, com poucas exceções, estão estabelecidas no Brasil há mais de 10 anos e adotam políticas de investimentos bastante conservadoras. Elas acreditam que o mercado está sofrendo modificações e os grandes criadores estão diminuindo seus plantéis. Paralelamente, está ocorrendo a entrada de pequenos proprietários que buscam o cavalo de lazer. Estima-se que a indústria de medicamentos veterinários no Brasil empregue 10 mil pessoas, das quais 300 estariam alocadas ao segmento de eqüinos.

5- Atualmente, o ambiente competitivo tende para a concentração. Grande parte dos processos de fusões e aquisições envolvendo a indústria veterinária é conseqüência de fusões e aquisições na indústria farmacêutica humana.

6- As principais empresas do setor são: Arenales, Bayer, Biovet, Bravet, Ceva, Clarion, Fort Dodge, Hertape, Jofadel, Konig, Marcolab, Merial, Ouro Fino, Pfizer, Sanphar, Schering Plough Coopers, Tecnopec, Tortuga, UCB, União Biolab, Vallée, Vansil e Virbac.

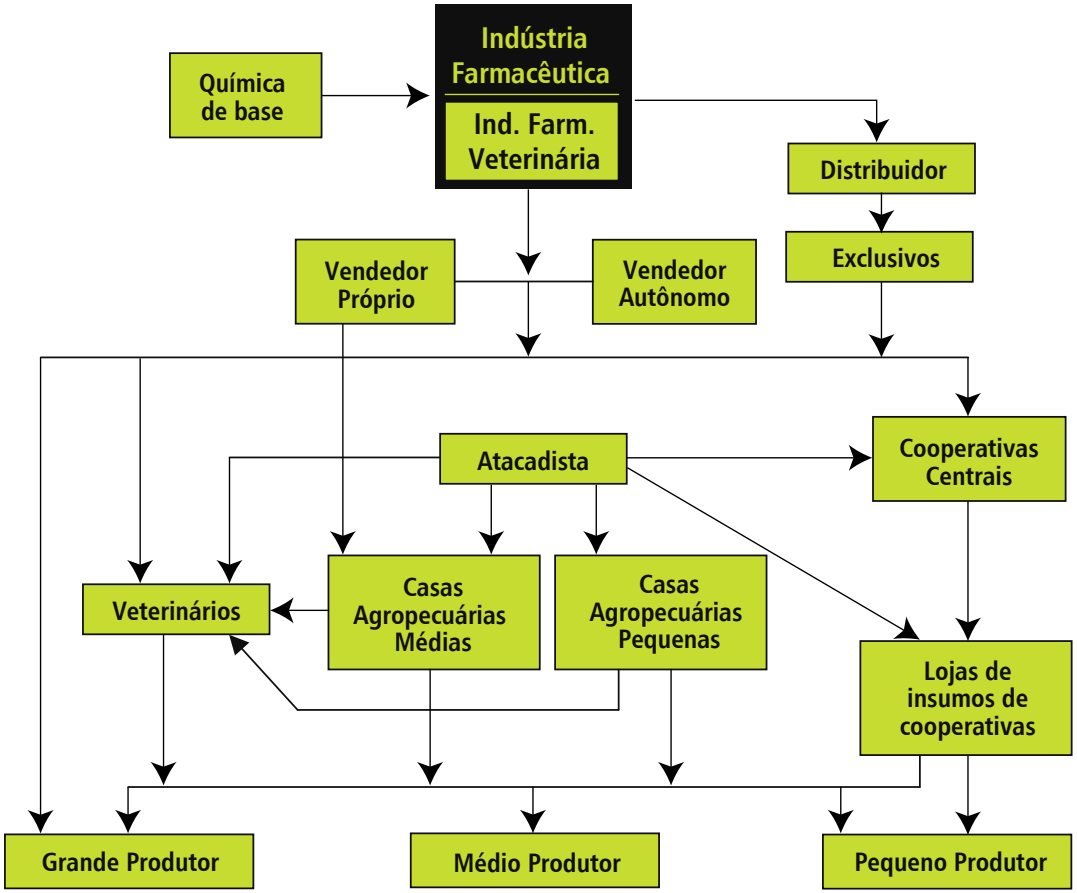
Principais segmentos do complexo do agronegócio cavalo no Brasil – atividades *antes da porteira*

A cadeia industrial dos medicamentos veterinários está representada na Figura 14. A distribuição de insumos veterinários para a eqüinocultura é feita pelos distribuidores exclusivos, representando 75% da comercialização de antiparasitários e 77% das vendas de antibióticos. Em termos geográficos, as vendas de medicamentos concentram-se na Região Sudeste, seguida pela Região Sul.

Na decisão de compra de medicamentos veterinários - momento em que a opinião do veterinário apresenta grande influência - o preço não é o fator mais importante, mas a qualidade é decisiva. A maior parte da compra de insumos veterinários é para uso imediato e apenas 9% delas são destinadas a estoque. O gasto médio mensal com produtos farmacêuticos veterinários é de R$ 18,24 por animal. Considerando o faturamento de R$ 54.142.630,20 da indústria, em 2004, estima-se que a população de eqüinos que recebe medicamentos corresponde a cerca de 250 mil animais[7].

7- Nesta estimativa, por um lado não foi considerada a margem que diferencia o preço pago pelo consumidor e o valor faturado pela indústria. Adicionalmente, é provável que no valor declarado referente à compra de medicamentos não esteja adequadamente incluídos produtos para bovinos e para humanos utilizados nos eqüinos. Assim, a estimativa apresentada é conservadora, podendo o mercado real ser superior ao estimado.

Figura 14 – Cadeia de produção industrial de medicamentos veterinários.



Fonte: Hacker (2000)

6.2 – O Mercado de Rações e Alimentos para Eqüinos

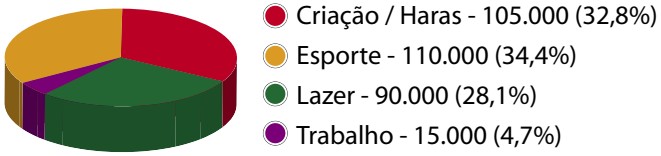
O mercado de rações[8] para cavalos (Figura 15) pode ser dividido em quatro categorias, de acordo com a capacidade de consumo: **1)** eqüinos destinados ao esporte; **2)** eqüinos destinados à criação; **3)** eqüinos destinados ao lazer; e **4)** eqüinos de trabalho.

A categoria de esportes inclui os centros de treinamento, jockeys, propriedades particulares e hípicas. Os cavalos incluídos nesta categoria são animais que potencialmente consomem, em média, 4,5 kg de ração por dia.

Os centros de treinamento têm apresentado acentuado crescimento nos últimos anos. Em geral, os animais ficam alojados em locais onde o proprietário não exerce influência direta no manejo. Na decisão de compra de produtos, a opinião do treinador é determinante e o veterinário exerce influência relativa. A qualidade do produto é, mais do que a apresentação, fundamental na escolha. Os jockeys exercem influência semelhante em relação à decisão de compra.

Nas propriedades particulares, os animais ficam alojados nas fazendas, sítios ou chácaras, onde são treinados. Nelas, os proprietários exercem influência direta na aquisição dos produtos. A apresentação do produto passa a ser importante e a qualidade, embora relevante na decisão, não é mais fundamental. O veterinário orienta e exerce influência na aquisição de produtos.

Figura 15 – Brasil: distribuição do mercado de rações, por segmento de atividades, em toneladas e percentagem, em 2005.



Fonte: Cintra (2005)

Nas hípicas, segmento também com tendência de crescimento, a compra é realizada pelo encarregado do local. Apesar das influências de gerente, treinador e veterinário, a qualidade não é fator decisivo.

O segmento de criação, ou haras, apresentou acentuado declínio na década de 90, estando hoje estabilizado em relação aos demais segmentos, acompanhando as movimentações do mercado em conjunto. Neste segmento, os custos são fundamentais e a qualidade do produto passa a ter menor importância relativa. A redução da importância do haras resultou em queda dos preços dos cavalos, facilitando o acesso de maior número de pessoas. Isto fez com que o segmento de lazer crescesse durante a década de 90. Os animais desta categoria consomem pouca ração e muito suplemento e medicamento. Atualmente, é o segmento que tem o maior mercado potencial de consumo. A apresentação do produto é valorizada e a decisão de compra inclui opiniões de vizinhos, práticos e balconistas.

8- Trata-se aqui do mercado de rações comercializadas, sendo que muitas propriedades optam por produzir ("bater") sua própria ração, recorrendo apenas parcialmente às rações industriais.

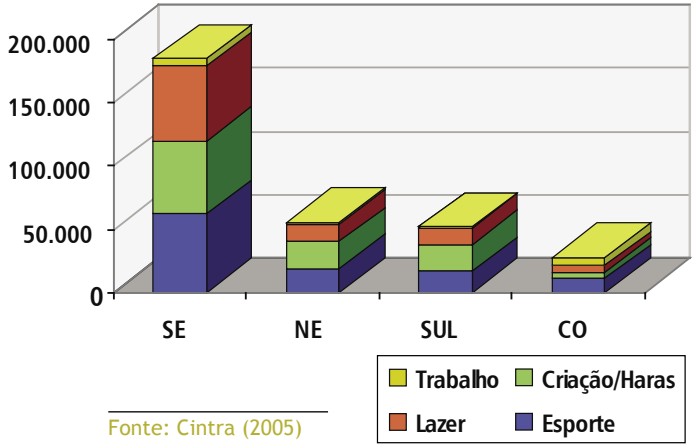
Principais segmentos do complexo do agronegócio cavalo no Brasil – atividades *antes da porteira*

O segmento de cavalo de trabalho caracteriza-se por animais alimentados com volumoso de beira de estrada ou pasto, milho e farelo de trigo. Eventualmente, utilizam ração (de baixo custo).

A Figura 16 apresenta a distribuição do consumo de ração entre os diversos segmentos por região. Observa-se, também, uma segmentação regional do mercado de ração. Nessa divisão, a região Sudeste participa com 58% do mercado.

O mercado de lazer - menos técnico, menos especializado e menos exigente - tem potencial expressivo de crescimento: estima-se que poderia ser seis vezes maior do que é hoje. Atualmente, o mercado total de ração é de 320.000 toneladas anuais. Estima-se que o potencial do mercado brasileiro seja de um milhão de toneladas anuais.

Figura 16 – Brasil: distribuição do mercado de rações, por região e segmento de atividades no ano de 2005, em toneladas.

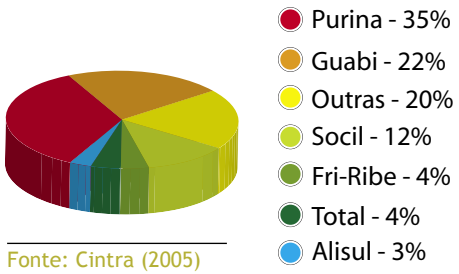


Fonte: Cintra (2005)

O mercado nacional é disputado por mais de 30 empresas produtoras de rações comerciais para eqüinos. Três empresas detêm 78% do mercado brasileiro (Figura 17). O Quadro 1 apresenta algumas características das principais empresas do setor de rações no Brasil.

Em pesquisa de campo encontrou-se que o consumo médio diário de ração é de 5,12 kg/animal, quantidade um pouco superior aos dados obtidos na pesquisa de mercado. Isto porque uma parcela da ração fornecida aos cavalos é fabricada ("batida") na própria propriedade[9]. Considerando o consumo médio de ração industrial (de acordo com os diversos segmentos de atividade) pode-se estimar que a população de eqüinos que consomem ração industrial corresponde a cerca de 360 mil animais. Estima-se que o mercado de rações para eqüinos movimente R$ 53.440.000,00 anualmente.

Figura 17 – Brasil: distribuição do mercado de rações, por empresas, em percentual do faturamento no ano de 2005.



Fonte: Cintra (2005)

9- É comum a prática de fornecer ração misturada com rolão de milho, aveia e outras matérias primas.

Quadro 1: Brasil – Características das principais empresas produtoras de ração comercial para eqüinos

Empresa	Capital	Atuação no mercado interno	Atuação no mercado mundial	Foco de atuação
Agribands Purina	Multi-nacional	Forte em âmbito nacional. Fábricas em Paulínia/SP, Barra Mansa/RJ, São Lourenço da Mata/PE, Inhumas/Go e Canoas/RS	EUA (sede mundial), Europa (atuação discreta) e Ásia (crescente)	Ração de baixo preço e linha de alta performance.
Guabi-Mogiana Alimentos	Nacional	Regional. Sudeste e Centro-Oeste. Fábricas em Sales de Oliveira/SP, Pará de Minas/MG, Além Paraíba/MG e Anápolis/GO.	- x -	Possui uma linha de combate (preço baixo) e linha de alta performance.
Socil Evialis	Multi-nacional	Nacional. Fábricas em Descalvado/SP, Nova Iguaçu/RJ, Contagem/MG e São Lourenço da Mata/PE.	Holding entre as 3 maiores da Europa. Sendo líder na França.	Linha de alta performance.
Total	Nacional	Regional. Sudeste. Fábrica em Três Corações/MG.	- x -	Ração de baixo preço.
Fri-Ribe	Nacional	Regional. Sudeste. Fábrica em Ribeirão Preto/SP. Atua no Nordeste em parceria com fábrica local.	- x -	Ração de baixo preço.
Alisul Supra	Nacional	Regional. Sul e Centro-Oeste. Fábricas em São Leopoldo/RS, Carazinho/RS, Itajaí/SC, Maringá/PR e Anápolis/GO)	América do Sul, Portugal, Rússia, Grécia, Turquia, China e Japão.	Ração de baixo preço. Investimento em linha de alta performance.
Agroceres	Nacional	Nacional. Fábricas em São Paulo, Minas Gerais e Goiás.	- x -	Iniciou atuação p/ eqüinos em 2005.
Agrocosta	Nacional	Regional. Fábrica em S. Joaquim da Barra/SP.	- x -	Linha de alta performance
Camponesa	Nacional	Região do Vale do Paraíba/SP.	- x -	Ração de baixo preço
Carol	Nacional	Regional. Orlândia/SP.	- x -	Ração de baixo preço.
Comigo	Nacional	Regional. Sudoeste Goiano.	- x -	Ração de baixo preço.
D'Vita	Nacional	Regional. Minas Gerais.	- x -	Ração de baixo preço.
Douamix	Nacional	Regional. Dourados/MS.	- x -	Ração de baixo preço.
Embramil	Nacional	Regional. Bragança Paulista/SP.	- x -	Ração de baixo preço.
Fanton	Nacional	Regional. Bauru/SP.	- x -	Ração de preço médio.
Fazendeiro	Nacional	Regional. Jundiaí/SP.	- x -	Ração de baixo preço.
Itambé	Nacional	Regional. Contagem/MG.	- x -	Ração de baixo preço.
Mauricéia	Nacional	Exclusiva na Região Nordeste.	- x -	Ração de baixo preço.
Milklop	Nacional	Regional. Brasília/DF.	- x -	Ração de baixo preço e linha de alta performance.
Sadia	Nacional	Discreta e regionalizada.	- x -	Ração de baixo preço.
Supremais	Nacional	Produção de premix e núcleos para rações. Fábrica em Valinhos/SP.	- x -	Alta qualidade e preço diferenciado.

Além do mercado consolidado das rações industriais inclui-se neste segmento do Complexo Brasileiro do Agronegócio Cavalo outro importante mercado representado pela produção e comercialização de feno.

A produção do feno comercializado no Brasil é realizada em diversos tipos de propriedades. Pequenos proprietários, em geral antigos criadores de cavalos, que possuem máquinas para fenação realizam produção em pequena escala, muitas vezes com baixo preço e baixa qualidade. No outro extremo, há grandes produtores, com áreas plantadas superiores a 700 ha. Entre estes extremos, há inúmeros produtores de feno dos mais diversos tamanhos. No entanto, todos possuem área de atuação limitada pelo custo do frete[10]. Distâncias superiores a 200 km, em geral, inviabilizam economicamente o transporte. Assim, as empresas atuam localmente e, em alguns casos, regionalmente, mas nunca nacionalmente.

O preço do feno apresenta grande variação estacional, atraindo produtores nos períodos de alta e tendo redução do número de produtores na baixa. O Estado de São Paulo é o principal produtor, seguido por Minas Gerais. Rio Grande do Sul e Paraná apresentam produções próximas a Minas Gerais.

Uma barreira à entrada de produtores mais eficientes (em termos tanto de produtividade física quanto qualidade e custo unitário) é a necessidade de elevados investimentos em máquinas (enfardadeira, carretas, tratores, segadeira, entre outros). Outra dificuldade para o desenvolvimento do mercado é que poucos criadores e proprietários de eqüinos diferenciam adequadamente a qualidade do feno. Em geral a tomada de decisão é feita com base no preço, sem ponderar a qualidade do produto. Nota-se que uma melhor padronização do feno comercializado, com transparência das características citadas anteriormente, permitiria a precificação mais justa dos diferentes fenos ofertados no mercado.

6.3 – Selaria e Acessórios

O segmento de selaria e acessórios é bastante diversificado. Há uma grande variabilidade de tipos de selas e acessórios, cada um voltado para um determinado público específico. O equipamento utilizado no Rio Grande do Sul, por exemplo, difere muito daquele utilizado na lida na região Centro-Oeste. Este, por sua vez é diferente daquele utilizado no Nordeste. A diferenciação não é apenas regional, mas também por modalidades tais como: hipismo clássico, baliza, cavalgada, entre outros.

10- Um caminhão transporta aproximadamente seis toneladas de feno (empresas com máquinas mais modernas, de maior compactação, conseguem transportar maior quantidades por caminhão), com um valor total de aproximadamente R$ 1.500,00.

Os fabricantes de selas e acessórios, muitos atuando na informalidade, espalham-se por todo o território nacional, com destaque para a produção de Minas Gerais[11]. Estima-se que cerca de 50 selarias têm produção representativa. As demais, têm alcance apenas local. Em torno de 15 fabricantes têm destaque no mercado, embora as cinco maiores detenham menos de 3% do mercado. Em termos médios do País, pode-se considerar que um grande fabricante produz 100 selas por mês. No total, estima-se que a produção anual de selas no Brasil seja de 15.000 unidades mensais, de vários níveis de qualidade e preço (Tabela 3).

Tabela 3 – Brasil: estimativa do mercado anual de selas (quantidade e valor), por tipo.

Tipo (qualidade)	Destino (consumidor)	Preço em Reais	Participação no mercado (unidades produzidas)	Unidades produzidas anualmente	Volume anual de vendas (R$)
Top	Hipismo	1.500,00	10%	18.000	27.000.000
Premium	Lazer/esporte	800,00	20%	36.000	28.800.000
Básica	Lazer/esporte	350,00	35%	63.000	22.050.000
Popular	Lida	150,00	35%	63.000	9.450.000
Total				**180.000**	**87.300.000**

Fonte: CEPEA (2006)

De acordo com os dados coletados, as selas correspondem a cerca de 50% do faturamento deste segmento. O restante é composto por vendas de acessórios (cabeçadas, rédeas, barrigueiras e peitorais, entre outros). Isto significa que o faturamento total com a produção e comercialização de selas e acessórios atinge por volta do montante de R$ 174.600.000,00 anuais.

Neste total está incluída a remuneração da mão-de-obra utilizada na produção destes equipamentos. Estima-se que 12.000 pessoas estão ocupadas no setor, com rendimento médio mensal de dois salários mínimos. Considerando os encargos sociais (e a informalidade existente no mercado) a renda do trabalho corresponde a R$ 122.372.383,56 anuais, ou seja, aproximadamente 70% do valor de venda das selas e acessórios.

Este segmento, confecção de selas, apresenta dois problemas que têm sido limitantes ao seu crescimento e que poderão vir a comprometer o desempenho futuro. O primeiro é a dificuldade de obtenção de mão-de-obra qualificada. Antigamente, crianças e adolescentes aprendiam cedo, como auxiliares, o trabalho de seleiro. As alterações na legislação e a elevação da fiscalização em relação ao trabalho infantil – atitudes justificáveis e corretas – implicaram no rompimento do processo de formação de novos seleiros. Quando o jovem atinge idade para ingresso no mercado de trabalho, a atividade de selaria não apresenta mais interesse e, para aqueles que eventualmente se

11- Em Minas Gerais, destaca-se a produção da cidade de Dores de Campos.

sintam atraídos, nem sempre têm acesso aos cursos de formação disponíveis. Outro fator limitante é a ausência de máquinas e equipamentos nacionais específicos para confecção de selas. O que se observa, em todo o Brasil, são máquinas e equipamentos de outras finalidades, como indústria de calçados, adaptados para o uso em selaria.

6.4 – Casqueamento e Ferrageamento

Em seu *habitat* natural, andando em busca de água e comida, o cavalo desgasta o casco na mesma proporção em que ele cresce. O animal domesticado, confinado em pequenos pastos e baias, não causa o desgaste necessário no casco. Adicionalmente, muitas vezes, o cavalo é forçado a caminhar em solos que provocam quebras nos cascos. Daí a necessidade do casqueamento e ferrageamento e de profissionais especializados e habilitados para essa atividade.

Na Inglaterra, por exemplo, a profissão é regulamentada e ela só pode ser exercida por ferradores diplomados em escola, com curso específico para a atividade. No Brasil, não existe o mesmo rigor. Embora o País já conte com cursos especializados, muitos ferradores não são específica e formalmente treinados para o exercício da atividade. A falta de profissionalização também ocorre, em menor escala, na produção de ferramentas (facas, escovas, pinças, etc.) e ferragens.

Deve-se ressaltar que há diferentes tipos de ferraduras, com características específicas para cada finalidade e que variam no formato e no tipo de material utilizado na confecção. Existe, atualmente, apenas uma empresa fabricante de ferraduras com atuação em todo o território nacional, que compete com diversos fabricantes locais e regionais.

Entre os ferradores habilitados (qualificados), estima-se que a produtividade média seja de 90 jogos de ferraduras colocadas por mês. Embora em hípicas, nos grandes centros, os pagamentos sejam significativamente superiores, o valor médio cobrado para colocação de um jogo de ferraduras é de R$ 70,00[12]. Assim, estima-se que o rendimento bruto médio mensal de um ferrador seja de R$ 6.300,00. Deste total, cerca de 40% é representado pelo custo das ferraduras e cravos. A durabilidade de uma ferradura varia de 30 a 45 dias.

Calcula-se que este segmento (casqueamento e ferrageamento) ocupe 2.100 pessoas, das quais, 90% são ferradores. A atividade – incluindo ferradores, indústrias e comércio de equipamentos e ferragens – deve movimentar cerca de R$ 143.640.000,00, anualmente.

12- Estes valores apresentam grande amplitude, variando de R$ 20,00 (mercado informal) até valores superiores a R$ 150,00 (hípicas em grandes centros).

6.5 – Transporte de Eqüinos

A indústria brasileira de equipamentos especializados para transporte de eqüinos atravessa um momento crítico. Pelo lado da demanda, ocorre a substituição de equipamentos especializados para transporte de eqüinos por caminhões boiadeiros, principalmente, quando os percursos realizados são longos. Estima-se que apenas 10% do transporte sejam realizados com *trailers* apropriados para essa finalidade (Figura 21), sendo o restante realizado com caminhões.

As exportações desse tipo de veículo são marginais (basicamente para o Paraguai e Argentina). Pelo lado do fabricante (oferta), o grande desafio é a adaptação aos rigores da legislação. As exigências para o funcionamento de uma fábrica incluem a contratação de engenheiro e projetista, obtenção de certificado do DETRAN e adequação às normas do INMETRO, entre outras. O custo médio para atender a estas exigências é de cerca de R$ 60.000,00. Estes fatores têm afetado o mercado, provocando o fechamento de diversas empresas e fazendo com que apenas algumas poucas empresas sejam capazes de sobreviver.

O mercado brasileiro está restrito a cerca de quatro empresas de médio porte, tradicionais (há mais de 10 anos no mercado) que estão localizadas nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Existem ainda diversos fabricantes informais de reboques, em pequena escala, mas que respondem por 75% do mercado. Carretas importadas são responsáveis por menos de 5% do mercado.

A produção mensal de carretas regulares[13] é de cerca de 25 unidades, que empregam entre 80 e 90 pessoas.

Quando terceirizado, o transporte de eqüinos custa, em média, R$ 1,40/km. Conforme os dados coletados na pesquisa, os gastos médios mensais com transporte dos proprietários que participam de exposições e competições esportivas tem sido de R$ 24,00 mensais por cavalo.

A partir das considerações anteriores, estima-se que este segmento (transporte próprio e de terceiros) movimente R$ 86.400.000,00 anualmente.

6.6 – Educação e Pesquisa

Um sinal de que a eqüinocultura nacional atravessa um período positivo de transformação é o surgimento de cursos específicos para o setor, tanto em nível universitário, quanto de capacitação e especialização. Pelo pioneirismo de alguns deles pode-se destacar o curso superior de Ciências Eqüinas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e o curso superior de tecnologia denominado Gestão de Eqüinocultura da Faculdade de Tecnologia Uirapuru – FATU, em Sorocaba (SP). Além desses deve-se destacar os novos cursos na área de eqüoterapia em nível de pós-graduação, ofertados pela ANDE-BRASIL.

No campo da formação de mão-de-obra especializada no manejo de cavalos, destaca-se o sucesso do Projeto Diadorim[14] – Escola de Formação de Jovens Cavalariços – e os cursos do SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – detalhados a seguir.

13- Nesta indústria, é elevado o número de empresas clandestinas.

O SENAR tem diversas iniciativas voltadas para o aprimoramento do capital humano no segmento do cavalo. No campo da formação profissional, possui dois cursos: o primeiro, de trabalhador na eqüideocultura (criação de eqüídeos para a produção de animais para esporte, lazer, serviços e reprodução, utilizando técnicas modernas e adequadas a cada caso); e, o segundo, de trabalhador na doma racional de eqüídeos (domesticação de eqüídeos para obter animais para esporte, lazer, serviços e reprodução). Estes cursos ocorrem em todo o território nacional, mas há uma concentração nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, onde são ministrados pouco mais de 50% dos cursos do SENAR. Na linha de prestação de serviços, conta com outros três cursos relacionados ao Agronegócio Cavalo: seleiro (prestação de serviços na confecção e nos reparos de materiais de couro – sela, cabresto, rédea, etc.), ferreiro (prestação de serviços na fabricação e nos reparos de ferraduras em geral) e trabalhador no turismo rural.

Os cursos de formação profissional do SENAR contam com cerca de 4.000 instrutores capacitados (treinados pelo SENAR). Na área de eqüideocultura, cerca de 300 instrutores cadastrados ministram os cursos que ocorrem em todo o território nacional. O curso de formação de trabalhador na Eqüideocultura busca a capacitação para "executar as tarefas relativas à criação de eqüídeos de forma eficiente, visando à produção de animais para esporte, lazer, serviços e reprodução, utilizando-se de técnicas modernas adequadas a cada caso" (Brito, 1996). Para atender a este objetivo, a carga horária total é de 320 horas que são ministradas pelas Administrações Regionais do SENAR em módulos que variam a carga horária e o conteúdo.

Essa atividade – formação profissional – fundamental para a melhoria da qualificação da mão-de-obra envolvida nas diversas atividades relacionadas ao cavalo, tem apresentado comportamento crescente, tanto no número de cursos ministrados, quanto na carga horária e no número de participantes. Em 2005, o SENAR ministrou 488 cursos para 7.415 pessoas, com carga horária total de 16.222 horas. Considerando um custo médio de R$ 2.000,00 por curso, os cursos profissionalizantes do SENAR movimentaram R$ 976 mil em 2005.

Destaque também deve ser dado à potencialidade existente no País em termos de capacitação e in-

14- O Projeto Diadorim, criado em 2004, destina-se à formação de mão-de-obra para manejo de eqüinos. Seu grande diferencial está no seu público alvo: jovens carentes entre 16 e 18 anos. Trata-se de uma iniciativa da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Mangalarga (AACCMM).

fra-estrutura para atividades de geração de conhecimento, prestação de serviços especializados e de realização de pesquisas, em diferentes áreas relacionadas aos eqüinos.

De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2004, havia 34 grupos de pesquisas com algum tipo de atividade relacionada ao cavalo, envolvendo 666 pessoas entre pesquisadores, técnicos e estudantes. Este número refere-se apenas às pesquisas informadas ao CNPq, sendo que muitas pesquisas e pesquisadores não estão com as informações atualizadas na base de dados do CNPq.

Dentre as diversas especialidades em que se distribuem os pesquisadores e os grupos de pesquisa com atividades relacionadas à eqüinocultura destacam-se: alimentação e nutrição de eqüinos em pastagens; anestesiologia veterinária experimental; avaliação química e biológica de alimentos e rações para não-ruminantes; bioquímica do exercício; biotecnologia da reprodução de equinos; clínica médica de equinos; clínica e doenças infecciosas veterinárias; grupo de estudo em comportamento dos animais de produção; imunorregulação molecular; pesquisa em vírus e micoplasmas de importância veterinária; melhoramento animal; patologia comparada das distrofias musculares; reprodução animal assistida; produção e saúde dos eqüinos; transtornos metabólicos e nutricionais; virologia molecular animal; entre outros.

6.7 – Mídia e Publicações

O segmento de mídia e publicações dentro do Complexo do Agronegócio Cavalo destaca-se pelo seu potencial e pelas transformações em curso na área. Recente levantamento sobre o perfil comportamental e hábitos de mídia do agronegócio, constatou que a principal característica que define um pecuarista e homem do agronegócio é a informação (Kleffmann, 2005). E, mais interessante, em pesquisa anterior, a informação nem era citada como característica da pessoa bem sucedida.

A importância da informação na atividade rural atual pode ser medida pela evolução relativa dos bens possuídos nas residências dos produtores. No intervalo de cinco anos, entre as safras 98/99 e 2003/04, os itens que apresentaram as maiores elevações foram aqueles ligados à obtenção de informação, como aparelhos de TV, telefones celulares e microcomputadores (Figura 18).

Um reflexo importante destas alterações de hábitos de mídia, são as novas iniciativas de agentes ligados ao Agronegócio Cavalo nos segmentos de televisão e revistas. Três novas programações específicas sobre cavalos devem entrar no ar neste ano, ocupando espaço ainda pouco explorado. Até agora, os assuntos ligados ao cavalo na televisão ocupavam espaços restritos e ficavam limitados às transmissões de leilões e esporádicas aparições em canais de esportes ou rurais. No tópico sobre eventos – mais adiante – este assunto (mídia) será

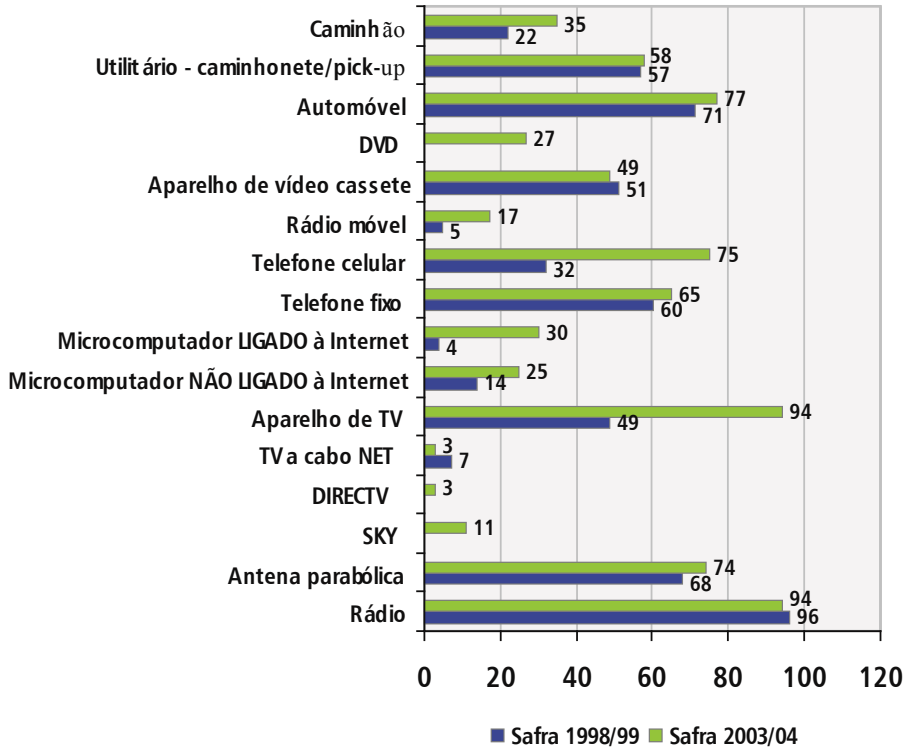
retomado com a quantificação do faturamento relacionado aos inúmeros eventos eqüestres.

Há um mercado ainda pequeno, para o porte da eqüinocultura no Brasil, de vídeos e DVDs. Em geral, os títulos desse segmento referem-se a videocursos, com temas como: alimentação de cavalos; aparação de cascos, correção de aprumos; como montar um centro hípico; doma; e reprodução, entre outros.

Uma publicação de circulação nacional significa um faturamento próximo a R$ 1 milhão. Atualmente, o mercado de revistas voltadas aos cavalos está concentrado em publicações vinculadas às associações de criadores, com circulação praticamente restrita aos seus associados e proprietários da raça para a qual a revista estiver direcionada. Embora estas revistas tenham, de modo geral, categoria superior, com papel e fotografia de qualidade, os seus custos de produção são relativamente baixos (cerca de R$ 35 mil mensais, em média, por revista) e são custeadas pelos próprios associados na forma de propaganda, essencialmente de leilões. Ou seja, elas não injetam recursos externos ao Agronegócio Cavalo. Além disso, estas revistas não geram grande número de empregos na medida em que trabalham com equipes relativamente pequenas. Estima-se que, atualmente, o faturamento anual desse segmento[15] seja de R$ 10 milhões. Apesar do pequeno faturamento, o setor apresenta boas perspectivas de crescimento.

De forma bastante gradual, têm surgido programas na televisão relacionados ao tema cavalo. Estes novos programas têm sido

Figura 18 – Brasil: itens possuídos na residência (cidade ou fazenda) de produtores rurais, em percentual, safras 1998/99 e 2003/2004.



Fonte: Kleffmann (2005)

15- Não foram consideradas, neste cálculo, revistas que tratam do cavalo marginalmente (como, por exemplo, Globo Rural) nem revistas como a Pólo, do Helvetia, pois, apesar do nome, está mais associada às atividades profissionais, sociais e empresariais dos atletas do que ao cavalo propriamente dito.

veiculados em canais de televisão por assinatura, como é o caso do Horse Brasil (Canal do Boi) – temas apresentados: evolução das raças, leilões, haras em destaque, e entrevistas; do Top 2000 Marchador (Canal Terraviva) e, do Os Cavalos do Mundo / Mapa Mundi (NET, TVA e Pan TV) – temas apresentados: cavalos, esportes eqüestres, e curiosidades do hipismo.

6.8 – Outras Atividades de Suporte ao Agronegócio Cavalo – *Antes da Porteira*

Existem outros segmentos que, apesar de não comentados anteriormente, são muito importantes para o bom desenvolvimento da eqüinocultura. Entre outros, enquadram-se nesta situação as seguintes atividades: serviços de medicina veterinária; insumos e acessórios para pastagens, equipamentos e acessórios para equitação, acessórios para esportes eqüestres, construções para manejo animal e prática de esportes, tecnologias e produtos para estábulos, equipamentos e serviços para eventos, entre outros.

Embora sejam parte das atividades *antes da porteira*, alguns casos específicos destes segmentos são melhor analisados em conjunto com as atividades *dentro da porteira*. Por exemplo, o mercado de confecção de roupas e equipamentos para prática de hipismo – que é uma atividade industrial a montante da criação – será discutida e dimensionada no momento da análise das escolas de equitação. Isto porque é neste mercado de escolas que – em grande parte, – ocorre o dimensionamento da demanda por artigos de vestuário e equipamentos.

A aplicação da ciência na área de eqüinos tem despertado interesse da mídia. Os nascimentos das potras gêmeas Branca e Neve, em dezembro de 2004 e janeiro de 2005, representaram um marco na área de reprodução animal no Brasil. Na geração delas, a EMBRAPA utilizou, pioneiramente, a técnica de bipartição em embriões de eqüinos.

A indústria de informática voltada para o setor ainda caminha lentamente. Na área de grandes animais, a maior parte dos esforços das empresas de *software* tem sido direcionada para produtos visando o mercado de bovinos, sem foco (com raras exceções) no mercado de cavalos. Na realidade, este mercado está muito pouco explorado. O rápido aumento da presença de computadores nas residências dos agricultores – conforme relatado no capítulo anterior – poderá significar, no curto prazo, um crescimento na área de *software*.

Adicionalmente, há um mercado de equipamentos para atrelagem. Este mercado pode ser subdividido em dois grupos bem distintos. De um lado, existe um segmento constituído por inúmeras empresas, na sua maior parte informal, que fabricam carroças voltadas para um público de baixa renda e para auxílio nos trabalhos em propriedades rurais. O outro grupo, focado nas classes A e B, é o de construção, reforma e aluguel de carruagens e veículos similares. Este mercado, apesar de contar com algumas iniciativas que favorecem a sua expansão – como o Projeto Carruagens São Paulo, com passeios por pontos históricos da cidade de São Paulo e novelas de época, que impulsionam a locação de carruagens para eventos como casamentos (preço médio da locação é de cerca de R$ 1.000) – ainda é marginal em relação ao mercado comentado nos parágrafos anteriores.

7 Principais segmentos do complexo do agronegócio cavalo no Brasil – atividades *dentro da porteira*

Esta parte apresenta e discute os principais agentes que, diretamente, utilizam cavalo em suas atividades. Nesta parte do Complexo do Agronegócio Cavalo, enquadram-se, entre outros, os segmentos de criação, treinamento, esportes e trabalho (militar, terapêutico, lida do gado bovino e outros).

7.1 – O Cavalo Militar

Para atender às diversas finalidades em que se utiliza o cavalo no âmbito militar, a tropa do exército brasileiro é composta atualmente por 1.570 animais distribuídos em sete estados da Federação. As atividades ligadas ao cavalo no Exército Brasileiro ocupam profissionais (empregos diretos) em diferentes níveis: veterinários, enfermeiros, tratadores, ferradores e cavaleiros, entre outros.

A Coudelaria de Rincão, localizada em São Borja (RS) merece destaque especial por se tratar da principal fonte de reposição de animais para o exército brasileiro, com uma média de 120 animais por ano. Criada em 1922, foi extinta em 1975. Recriada por meio da Portaria Ministerial nº 034-Res, de 19 de agosto de 1987, incorporou o plantel da extinta Coudelaria de Campinas. Esta organização militar tem a finalidade de produzir eqüinos destinados à força terrestre para emprego em cerimonial militar, patrulhamento, instrução e desporto. Atualmente, o seu efetivo é de 484 cavalos, que ocupam 4.500 ha do total de 14.936 ha da Coudelaria.

Além do efetivo de eqüinos alocados nas diversas organizações militares do Exército brasileiro, as Polícias Militares de diversas Unidades da Federação também possuem tropas. A partir das informações obtidas de 18 Unidades da Federação, foram realizadas estimativas quanto as atividades relacionadas aos cavalos nas diversas polícias estaduais. Tais estimativas apontam para um total de cerca de 3.730 cavalos utilizados pelas Polícias Militares, os quais, ao contrário dos cavalos do Exército brasileiro, ficam em sua maior parte, estabulados.

Excetuando-se as despesas de pessoal envolvido, cada cavalo custa, em média, R$ 160 mensais em manutenção, sendo que, desse valor, cerca de 78% correspondem a ração (incluindo-se sal, linhaça e feno), 10% correspondem a medicamentos, 9% correspondem a despesas com ferrageamento e 3% correspondem a despesas com implantação e manejo de capineira.

Considerando a remuneração (acrescida de encargos sociais) dos diversos profissionais envolvidos e os gastos de manutenção (previstos em orçamento), estima-se que o agronegócio cavalo – considerando apenas o segmento militar do Exército brasileiro e das Polícias Militares estaduais – movimenta cerca de R$ 176 milhões, anualmente[16].

16- Esta estimativa foi realizada com base nos orçamentos aprovados e informações obtidas nas entrevistas realizadas com as unidades militares. Por solicitação de alguns dos entrevistados, que consideraram o tema estratégico e confidencial, foi assumido o compromisso de divulgação apenas do resultado consolidado, não discriminando os valores individuais utilizados nessa consolidação.

7.2 – O Cavalo para Lida

Conforme mostrado anteriormente, o principal uso do cavalo no Brasil é ainda o de apoio às diferentes atividades agropecuárias, especialmente na lida do gado bovino.

O recente e significativo crescimento da pecuária bovina foi acompanhado pela melhoria técnica tanto no controle quanto no manejo, com reflexos na demanda por eqüinos para lida. Atividades como a distribuição de sal, vacinação, vermifugação e rodeio na vacada para identificação do cio exigem a ajuda do cavalo. A mecanização destas atividades é muitas vezes inviável econômica e/ou tecnicamente.

Um importante cálculo para o adequado manejo do gado bovino com a utilização dos eqüinos é o correto dimensionamento da tropa. A Tabela 4 apresenta indicadores ideais. De acordo com estes parâmetros, em cada propriedade dedicada à pecuária bovina deveria haver um cavalo para cada grupo de 85 bovinos.

Tabela 4 – Bases para o dimensionamento da tropa

Especificação	Indicador
Relação número de peões / gado manejado	1 peão / 600 animais
Número de animais para montaria / peão	7 montarias / 1 peão

Fonte: Dias (2005).

No entanto, os dados coletados nesta pesquisa indicam que, na média, a proporção entre bovinos e cavalos é de 160:1. Portanto, existe uma sobreutilização dos animais de montaria (Tabela 5), sugerindo que há potencial técnico para elevar a quantidade de eqüinos para lida.

Tabela 5 – Dimensionamento atual da tropa

Especificação	Indicador
Relação número de peões / gado manejado	1 peão / 560 animais
Número de animais para montaria / peão	3,3 montarias / 1 peão

Fonte: CEPEA (2006).

Outro aspecto relevante levantado neste estudo trata do baixo custo de manutenção em relação aos animais utilizados na lida. O consumo de produtos veterinários praticamente limita-se a 2 ou 3 vermifugações por ano e poucos consomem ração (basicamente, durante o período da seca). O custo anual de manutenção destes animais é de R$ 82,27, sendo o valor médio dos animais estimado em R$ 536,36. Adicionalmente, estimou-se que o gasto médio mensal dos proprietários em salário (direto e indireto) e encargos sociais com os peões em R$ 560,00.

Partindo da estimativa de que, do efetivo total da tropa brasileira (5.787.250 animais, em 2004), cinco milhões de cavalos estão sendo utilizados na lida do gado ou no apoio as outras atividades agropecuárias e que, em média, cada peão dedica um terço de seu tempo às atividades associadas ao cavalo, foram elaborados os cálculos de valores anuais apresentados a seguir:

a) gastos com manutenção dos animais de lida: R$ 411.350.000,00

b) gastos com reposição dos animais de lida: R$ 148.988.888,89

c) remuneração da mão-de-obra envolvida com o cavalo: R$ 3.393.936.000,00

Assim, a estimativa da contribuição total do segmento cavalo de lida para a movimentação econômica anual do Agronegócio Cavalo é de aproximadamente R$ 3.954.275.000,00.

7.3 – A Equoterapia

O cavalo é utilizado como recurso terapêutico no tratamento de portadores de dificuldades nas áreas cognitiva, psicomotora e sócio-afetiva. Isto é feito através da equoterapia, que é definida pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL, 2005) como sendo:

"*... um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais*".

A utilização da equoterapia tem sido crescente em todo o mundo, destacando-se a Europa. Na Alemanha existem 925 centros especializados; a França possui mais de 700; e a Bélgica mais de 300.

No Brasil, a equoterapia foi oficializada somente em 1989, com o surgimento da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE). Como prática terapêutica, o reconhecimento da equoterapia pelo Conselho Federal de Medicina ocorreu em 1997.

De acordo com a ANDE, existem 231 centros de equoterapia no Brasil, concentrados nas regiões Sul e Sudeste. Em menor intensidade, destaca-se o número de centros na região Centro-Oeste e no Estado da Bahia. Nos demais Estados, o número de centros ainda é pequeno.

Cada centro emprega, em média, seis funcionários. O trabalho é exe-

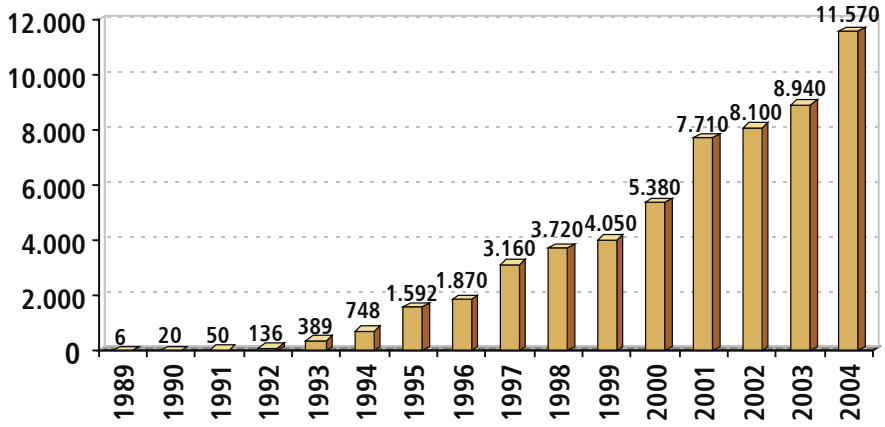
cutado por uma equipe composta por profissionais de várias áreas (saúde, educação, trato animal), tais como: fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo, professor de educação física, terapeuta educacional, assistente social, tratadores e instrutores de equitação. A remuneração média dos profissionais que compõem a equipe é de cerca de R$ 1.000,00 mensais, sem considerar os encargos sociais.

A atividade de equoterapia encontra-se em pleno crescimento no Brasil (Figura 19), com 11.570 pacientes[17], em 2004, que pagam entre R$ 30,00 e R$ 120,00 por sessão de 30 minutos. Neste tempo, o paciente executa cerca de 2.000 deslocamentos[18], realizando movimentos tridimensionais, que agem no sistema nervoso profundo, responsável pelas noções de equilíbrio, distância e lateralidade. Normalmente, cada paciente realiza uma sessão por semana.

As perspectivas para a equoterapia no Brasil são promissoras. Além do SUS ter incorporado recentemente esta modalidade entre as terapias cobertas pelo sistema, a iniciativa privada (planos de saúde) já iniciou, através de convênio, o atendimento em um centro da região Norte.

Estima-se que este segmento – a equoterapia – empregue 2.500 pessoas[19]. A movimentação econômica decorrente dessa atividade atinge cerca de R$ 44 milhões de renda, agregada ao agronegócio cavalo.

Figura 19 – Brasil: evolução do número de praticantes de equoterapia.



Fonte: ANDE-BRASIL (2005).

17- Dados da ANDE-BRASIL. Deve-se destacar que muitos atendimentos são realizados filantropicamente, sem custos para os pacientes.

18- O cavalo transmite ao praticante um movimento tridimensional – para cima e para baixo; para frente e para trás; e de um lado para outro. Esse movimento provoca um deslocamento na pelve do cavaleiro, exigindo ajustes tônicos, do cavaleiro, para adaptar seu equilíbrio a cada movimento (Haddad et al., 2005).

19- Estimativa realizada a partir do número de profissionais capacitados nos cursos básicos de equoterapia realizados pela ANDE-BRASIL.

7.4 – Esportes

O esporte eqüestre está difundido no Brasil desde longa data. O primeiro registro oficial de competições envolvendo cavalos remete a 1641, quando, por ordem de Maurício de Nassau, foi realizado o Torneio de Cavalaria, na Cidade Mauricea (Pernambuco). A competição envolveu participantes de diversas nacionalidades – portugueses, brasileiros, holandeses, franceses e alemães – e foi vencida por brasileiros e portugueses.

Como atividade organizada, o esporte ganhou evidência a partir do início do século XIX, com a inclusão da equitação, em 1810, entre as disciplinas da Academia Real Militar (Rio de Janeiro) e as provas de corrida. No início do século seguinte, surgem os primeiros clubes hípicos como, por exemplo, o Club Esportivo de Equitação (hoje, Centro Hípico do Exército), no Rio de Janeiro, e a Sociedade Hípica Paulista, em São Paulo, ambos em 1911.

O hipismo foi introduzido nos Jogos Olímpicos em 1900 (Paris) e a primeira participação brasileira ocorreu nos Jogos de 1948 (Londres). Sete anos antes, em 19 de dezembro de 1941, surgiu a Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), órgão máximo do esporte nacional, sediada no Rio de Janeiro (RJ). Ela foi criada pelas Federações Paulista de Hipismo (São Paulo – SP), Hípica Metropolitana (Rio de Janeiro – RJ) e Hípica Fluminense (Niterói – RJ). Atualmente, possui 19 federações filiadas, além da Comissão de Desportos do Exército. A CBH é filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e à Fédération Equestre Internationale (FEI).

Estima-se que cerca de 50 mil atletas praticam esportes hípicos, nas suas diversas modalidades. No entanto, apenas aproximadamente nove mil são filiados às Federações de Hipismo. O esporte hípico no Brasil abrange diversas modalidades, conforme mostrado no Quadro 2.

Quadro 2: Principais modalidades de esporte hípico praticadas no Brasil

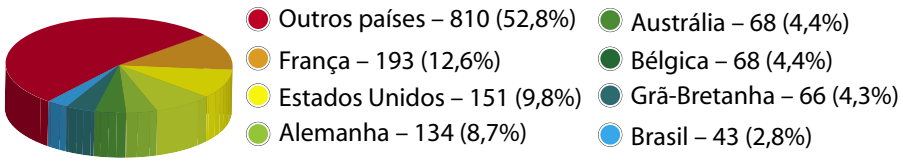
Modalidade	Prática
Rodeio	Mais de 1.000 provas oficiais no Brasil
Conformação	Avaliação da correção estrutural, conjunto,grau de musculatura, raça e sexo
Enduro[20]	Cavalo e cavaleiro percorrem trilha com obstáculos naturais, em tempo pré-determinado ou velocidade livre.
Hipismo Paraolímpico	Desenvolve habilidades físicas e a auto-estima dos praticantes deficientes
Hipismo Rural	Demonstração em espaço fechado: baliza, tambor, salto de obstáculos e recuos
Adestramento	Hipismo clássico: passo, trote ou galope
Salto	Percurso com oito a doze obstáculos, com tempo de um ou dois minutos
Concurso Completo de Equitação - CCE	Três dias de competição, com provas de adestramento; enduro de curta distância, *steeple-chase*[21] *cross-country* e salto.
Volteio	Ginástica sobre o cavalo em movimento
Cavalgada	Passeio de média distância ou provas de marcha por 40 a 90 minutos
Vaquejada	Participantes, em dupla, devem derrubar um boi; bastante popular do Nordeste até o Rio de Janeiro
Pólo	Equipes de quatro jogadores disputam oito tempos em um campo
Equitação de trabalho	Provas de ensino, adestramento, maneabilidade e velocidade; provas por equipe de condução da vaca
Corrida	Disputas por diferentes raças e distâncias
Horseball	Equipes de quatro jogadores buscam marcar o gol após efetuar três passes envolvendo três jogadores diferentes; a bola tem 16 alças de couro
Arquearia a cavalo	Acertar alvo a 10 metros de distância, conduzindo o cavalo a galope sem as rédeas

20- A palavra enduro é uma abreviação de endurance (resistência, no idioma inglês).

21- Corrida com salto em obstáculos naturais.

Apesar do grande número de atletas que não participam de competições oficiais, o Brasil ocupa posição de destaque entre os 46 filiados da FEI que promovem competições internacionais. Embora com participação bem inferior em relação aos três principais países, o Brasil ocupa a sétima posição entre os promotores de eventos internacionais (Figura 20). Em 2004, ocorreram 1.533 competições internacionais organizadas por filados à FEI.

Figura 20 – Número de eventos internacionais organizados por federações filiadas à FEI, 2004.



Fonte: FEI (2005).

Deve-se ressaltar que o número de competições hípicas tem crescido expressivamente no mundo todo. Nos últimos dez anos, a quantidade de eventos internacionais organizados por federações filiadas à FEI aumentou, em média, 12,4% a.a. (223% no período de 1994 a 2004). Esta tendência tem ocorrido nas diversas modalidades, com exceção do volteio, que tem se mantido estável.

As diversas modalidades de esportes eqüestres também têm apresentado expressivo crescimento no Brasil. Tomando como exemplo a Federação Paulista de Hipismo – FPH, o crescimento do número de eventos foi de 315% nos últimos cinco anos, ou seja, um aumento médio de 15,3% a.a. no período de 1999 a 2004.

O Brasil conta com cerca de 200 clubes e escolas de equitação onde estes esportes são praticados. Além disso, centenas de eventos são promovidos por associações de criadores e empresas de turismo eqüestre (ver comentários em capítulo específico neste estudo).

Especificamente em relação à atividade esportiva do Rodeio, esta é praticada no Brasil em cerca de 100 estádios com arquibancada em concreto armado, iluminação e capacidade entre 4 mil e 35 mil pessoas. Entretanto, nestes eventos, o cavalo ocupa uma posição secundária. As principais atrações para o público são espetáculos de artistas, em geral cantores de música sertaneja e popular e montarias em touros. Assim, mesmo sabendo-se da grandiosidade e da complexidade na organização de alguns desses eventos, a valoração da contribuição do cavalo na movimentação econômica dessa atividade tem sido uma tarefa de elevado nível de incerteza, pelo que optou-se por não incluí-la neste estudo.

Em relação às atividades esportivas do *Pólo Eqüestre* e *da Vaquejada*, devido suas características, dimensão e grau de organização serão comentadas em separado a seguir.

Finalmente, considerando apenas o segmento representado por atletas filiados às federações de hipismo – os demais esportistas serão discutidos no capítulo referente à escolas de equitação – este mercado movimenta cerca de R$ 57.600.000,00 anuais, empregando aproximadamente 2.000 pessoas.

7.4.1 – O Pólo Eqüestre

O Pólo Eqüestre é um dos mais antigos esportes eqüestres. Acredita-se que tenha surgido no Tibete, 600 anos antes de Cristo, quando homens iam a cavalo, armados de bastões, caçar rato almiscarado. Numa simulação desta caça, os caçadores batiam em uma bola[22] recoberta de pele. No século XIX, britânicos que estavam a serviço na Índia aprenderam o esporte e fundaram o primeiro clube de pólo, em Manipur na fronteira da Índia com a Birmânia.

No Brasil, o pólo foi introduzido na década de 1920, conquistando adeptos principalmente no Estado de São Paulo. No Rio de Janeiro, onde foi criado o primeiro campo de pólo civil, o Gávea Golf Pólo Club, os ingleses rivalizavam com os militares que utilizavam o Campo da Parada, em São Cristóvão. No Rio Grande do Sul, onde se localizavam os regimentos de Cavalaria na fronteira, predominou o pólo militar. A Revolução de 1932 afetou negativamente a atividade. A retomada de seu desenvolvimento só veio ocorrer na segunda metade do século passado, principalmente com a abertura da importação de cavalos e o maior intercâmbio com a Argentina, líder mundial, até hoje, na modalidade.

A Sociedade Hípica Paulista, em conjunto com o Clube Hípico de Santo Amaro, o Clube de Campo de São Paulo e o Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense fundaram, em 28 de novembro de 1963, a Federação Paulista de Pólo. Até então, o pólo era um departamento da Federação Paulista de Hipismo.

A qualidade do pólo brasileiro elevou-se ao longo do tempo, a ponto de recentemente sagrar-se, na França, tricampeão mundial pela Federação Internacional de Pólo. O principal centro de prática da atividade está localizado na região de Indaiatuba, interior de São Paulo. O Estado de São Paulo – nas cidades de Indaiatuba, Orlândia, Avaré, Colina e Franca – responde por cerca de 80% da modalidade que agrega cerca de 600 competidores no Brasil[23]. Por ano, são organizados cerca de 20 torneios.

Os jogos são disputados por duas equipes com quatro jogadores cada, contando com a presença de dois juízes a cavalo (um terceiro árbitro fica fora de campo e é consultado quando há desacordo entre os juízes dentro do campo). Cada tempo de jogo – uma partida pode ter até oito tempos – dura sete minutos. Para desempenho adequado, cada jogador utiliza seis cavalos e tem ajuda de dois auxiliares, além do apoio de veterinários. É importante que o jogador reveze o cavalo, não utilizando o mesmo cavalo em tempos consecutivos.

Trata-se de um esporte amador que emprega cerca de 1.500 trabalhadores[24] (excluindo os jogadores) e movimenta R$ 1.684.400,00 por ano nas suas diversas atividades[25].

22- Pulu, em tibetano.

23- Além do Estado de São Paulo, o pólo é praticado nos Estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul (Uruguaiana e Porto Alegre), Minas Gerais e Distrito Federal.

24- Considerando dois ajudantes para cada um dos 600 praticantes de pólo e 300 funcionários administrativos (clubes e organização das competições).

25- Na realidade, a movimentação financeira total no ambiente do pólo é muito superior a este valor estimado. Mas, parte significativa é resultado de atividades não relacionadas ao cavalo, como desfiles de moda e venda de automóveis, que tem como público alvo, muitos praticantes de pólo. Isso ocorre não tanto pelo lado esportivo eqüestre, mas pelas atividades profissionais e empresariais dos atletas fora dos campos de pólo. Assim, os valores estimados (e apresentados) nesta pesquisa limitam-se aos aspectos relacionados efetivamente com a prática esportiva e, conseqüentemente, ao cavalo.

7.4.2 – A Vaquejada

Acredita-se que as vaquejadas já eram praticadas no Brasil desde o século XVIII, embora o primeiro registro da existência de vaquejada date do final do século XIX[26]. Mas eram provas realizadas em fazendas e sítios, sem a presença de público estranho aos proprietários.

Como evento aberto ao público, surgiu na década de 40 do século passado, no Nordeste brasileiro, tendo apresentado constante crescimento ao longo dos anos. A partir de 1980, as regras começaram a ser melhor definidas e prêmios distribuídos aos competidores. Na última década do século XX, transformou-se em grande evento, com patrocinadores (em geral regionais) e cobrança de ingresso ao público.

A vaquejada ganhou grande impulso nos últimos dez anos, principalmente com a introdução de cavalos de maior valor e a consolidação das regras do esporte embora possam variar regionalmente. Em 2001, o vaqueiro (de vaquejada) foi equiparado ao atleta profissional, conferidos os direitos aos profissionais da vaquejada, conforme Lei nº 10.220, de 11 de abril de 2001.

A competição consiste em dois conjuntos que, em uma arena de areia, tem o objetivo de derrubar um boi dentro de uma área demarcada por duas faixas distantes 10 metros uma da outra. Para "valer o boi" (para que os pontos sejam válidos), o boi deve cair mostrando as quatro patas e levantar-se dentro deste limite. Cada evento conta, geralmente, com a participação de centenas de duplas de vaqueiros, compostas por um puxador (com a função de derrubar o boi pelo rabo) e um esteira (faz o serviço de apoio, alinhando o boi na pista e impedindo muitas vezes que o animal caia fora da área de pontuação).

As vaquejadas ocorrem em o todo território nacional, mas com destaque para a região Nordeste. Nesta região, o Circuito de Pernambuco, com nove etapas, destaca-se das demais unidades da Federação. Cada etapa (três dias de competição) atrai, em média, um público de 30 mil expectadores. O custo de cada etapa é próximo a R$ 700 mil, sendo que somente em prêmios são distribuídos cerca de R$ 100 mil por etapa. Outros custos importantes correspondem ao aluguel de bois (cerca de 500 bois, com aluguel entre R$ 60 e R$ 80 por boi). A parte sanitária também representa custos: são realizados exames referentes a mormo e anemia infecciosa a cada três meses, ao custo de R$ 65 por exame.

26- Em 1874, José de Alencar escreveu sobre competições de "puxada de rabo de boi".

27- São comuns cavalos com valor entre R$ 150 e 200 mil participarem de vaquejadas.

28- Considerando o valor da primeira senha de R$ 300,00 e a segunda, de R$ 250,00.

Para a realização da vaquejada, há o envolvimento de diversos profissionais. Por etapa, são contratadas 270 pessoas (seguranças, equipe do circuito, entre outros), e outros 3.400 empregos são ocupados pelas pessoas ligadas a bandas musicais, setor de alimentação, e outras atividades de apoio ao evento. Cerca de 550 duplas participam, em cada etapa, desembolsando R$ 1.100,00 em senhas (inscrições para participarem da competição), totalizando R$ 605 mil. A diferença entre este valor das senhas e o citado custo de cada etapa (R$ 700 mil) é coberta com patrocínio, em geral, de empresas de atuação regional. O Circuito de Pernambuco, por exemplo, contou com o apoio da CHESF, Philips, Governo do Estado e Pitu. Apesar da dimensão que as vaquejadas têm atingido, uma das dificuldades apontadas pelos entrevistados, neste estudo, é a falta de apoio, tanto de mídia quanto de patrocinadores.

Outros Estados também são importantes para vaquejada – como Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro, Paraíba, Alagoas e Piauí – embora nem todos possuam um circuito oficial. Deve-se destacar que embora ocorra uma concentração de eventos nas regiões Nordeste e Norte e no Estado do Rio de Janeiro, a vaquejada já atingiu todo o território nacional. Além da expansão da área onde se pratica esse esporte, há perspectiva de crescimento nas competições já existentes, com a inclusão de novas categorias (como máster ou sênior).

Estima-se em três milhões o número de adeptos da vaquejada, acompanhando mais de duas mil provas[29], das quais cerca de 400 são consideradas oficiais. Os prêmios, além de dinheiro, costumam ser automóveis e motocicletas. Alguns circuitos chegam a oferecer centenas de milhares de reais em prêmios. A movimentação econômica desta atividade é calculada em R$ 164 milhões por ano, sendo que o total de pessoas ocupadas de forma permanente é calculado em 1.430 pessoas. Deve-se destacar que, atualmente, as vaquejadas são eventos de grande porte, não limitados apenas ao esporte, mas com apresentações musicais e outras atrações ao público.

29- Nesta estimativa estão incluídos os chamados bolões, que são vaquejadas de pequenas proporções.

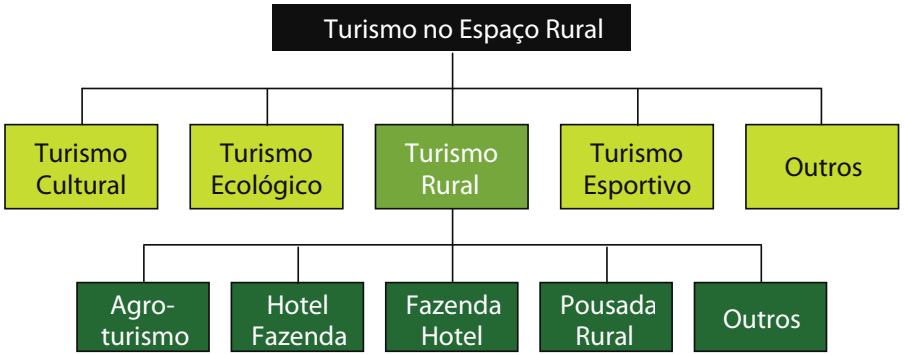
7.5 – Turismo Rural e Atividades Eqüestres

O espaço rural permite o desenvolvimento de diversas atividades que, muitas vezes, apresentam interação mútua, que podem ser complementares ou podem ser identificadas isoladamente (Figura 21).

Um dos maiores atrativos do turismo rural é o contato direto que ele promove entre o homem e a natureza. Isso possibilita a volta *às origens*, com enfoque no campo, longe dos grandes centros urbanos. Cada vez mais, moradores dos centros urbanos sentem a necessidade de maior contato com a natureza para, assim, melhorar sua qualidade de vida. O aumento da demanda por esportes envolvendo aventuras também tem contribuído para o crescimento dessa prática de turismo. De acordo com levantamento realizado pela OMT (Organização Mundial do Turismo), na América Latina, dentre as atividades mais requeridas pelos turistas no espaço rural, destaca-se a cavalgada (Figura 22).

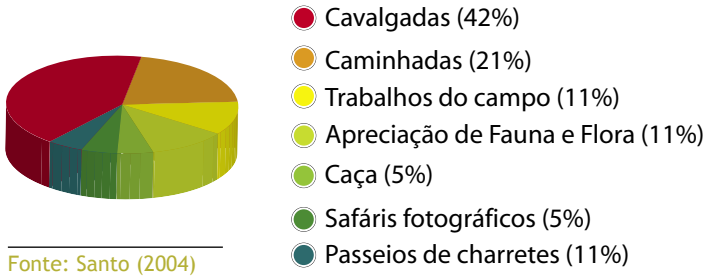
Atualmente as atividades de turismo rural no Brasil estão concentradas nas regiões Sul e Sudeste. Nessas regiões, há forte influência do **tropeirismo**. E, o chamado corredor tropeiro estende-se desde São Paulo até o norte do Rio Grande do Sul. O tropeirismo surgiu no Brasil Colonial, época em que o transporte era feito no lombo de animal (cavalo, asinino, muar) por trilhas que ligavam as diferentes regiões da Colônia. O tropeiro era o chefe e geralmente ia montado. O caminho do tropeiro (caminho do sul) pouco se modificou com o decorrer do tempo no percurso Sorocaba - Rio Grande do Sul. Os tropeiros do sul eram preparados para enfrentar mais de 4.000 km com perigos e desconfortos, com uma a duas viagens por ano. Apesar de atualmente existirem estradas e outros meios de deslocamento, essa cultura ainda permanece na região.

Figura 21 – Modalidades das atividades de turismo no espaço rural.



Fonte: Roque (2001)

Figura 22 – América Latina: atividades mais requisitadas pelos turistas em espaço rural.



Fonte: Santo (2004)

Essa extensa rota serviu para orientar o sentido das marchas por onde seguiram os primeiro exploradores e povoadores da região. O Caminho de Viamão, por exemplo, foi descrito pela primeira vez em 1745.

Da mesma forma que o tropeirismo, outras evocações históricas e culturais apresentam-se como importantes vetores para a dinamização do turismo rural e da atividade eqüestre, como por exemplo a **cavalhada**. A cavalhada é uma recriação da batalha medieval em que Carlos Magno teria combatido a invasão moura na Europa no século VIII. A cavalhada chegou ao Brasil no século XVII, sendo praticada até os dias de hoje, durante a Festa do Divino, em diversas cidades, como Maceió e Messias (AL), Pirenópolis (GO), Franca e São Luis do Paraitinga (SP), entre outras. Durante a cavalhada é comum, além da encenação, a prática de jogos a cavalo, como a argolinha. Neste jogo, o cavaleiro deve, com uma lança e numa corrida, retirar uma argolinha presa a uma trave por um fio.

Apesar da sua importância para a cultura regional, o seu valor histórico e o potencial para o turismo, não se tem ainda dados quantitativos sobre o tamanho e a movimentação econômica em torno deste tipo de manifestação popular. Nesta área, não existe um mecanismo sistemático de coleta, depuração e verificação, armazenamento e divulgação de informações referentes, por exemplo, a calendário de atividades, número de pessoas empregadas (e/ou o número de diárias trabalhadas), número de visitantes, impactos sobre o comércio e outras atividades econômicas. Embora não dimensionada quanto aos aspectos econômicos no presente estudo, a cavalhada merece destaque pela sua força histórica e cultural e pelo potencial turístico nas localidades onde são realizadas, devendo ser alvo de políticas públicas para sua preservação.

O cavalo é um dos principais atrativos do turismo rural, tendo várias modalidades de práticas e utilizações deste animal. Os diferentes estilos estão compreendidos desde uma simples cavalgada até o turismo eqüestre, com hospedagem ou de dia de campo. Como sugere o próprio nome, o turismo eqüestre de dia de campo permite ao turista vivenciar o cotidiano da propriedade rural, dando também a oportunidade de participar das atividades rurais. Esta forma de turismo não conta com pernoite, sendo o turista mero visitante na propriedade. Esta modalidade de turismo pode visar todas as classes sociais até o nível C.

O turismo eqüestre com hospedagem é uma prática mais requintada, de maior valor agregado (hospedagem), que tem como público alvo um turista de maior renda, ou seja, população de classe média a alta. No turismo eqüestre com hospedagem, enquadram-se as pousadas, hotéis fazenda ou propriedades rurais que oferecem pernoite ao turista.

A cavalgada é um passeio a cavalo, ao longo de um trajeto pré-estabelecido. Este passeio pode levar algumas horas, dias ou até semanas, atravessando grandes extensões de terra e parando para um descanso de forma rústica em um estilo de acampamento. A cavalgada pode ser classificada como comercial, quando se tem preço, percurso e regularidade do passeio pré-definidos. Existem formas alternativas de cavalgadas, como aquelas promovidas pelo SENAR e por Clubes de Cavalo, Associações, romarias, entre outras.

O sub-aproveitamento do turismo rural, em especial o eqüestre, fica evidenciado quando se observa que, somente na França, a Associação Nacional de Turismo Eqüestre conta com mais de 200 mil associados. No Brasil, somente em novembro de 2004 entrou em operação a primeira operado-

ra turística especializada em cavalgadas. Até então o Brasil, ao contrário de Argentina[30], Chile e Uruguai, não constava nos roteiros eqüestres das agências internacionais. A demanda do mercado internacional é por roteiros de cinco dias de cavalgada, em média.

Deve-se destacar o trabalho que vem sendo desenvolvido para a adequada exploração do grande potencial do Turismo Rural. A atividade de cavalgadas deverá ser regulamentada em 2006. Entre as normas previstas, deverá ser dada atenção especial à segurança. Outra importante iniciativa é o ordenamento e estruturação do turismo eqüestre no Brasil promovido pelo Bureau de Cavalgadas.

Estima-se que atualmente existem 100 mil usuários das atividades de cavalgadas, utilizando cerca 500 empreendimentos, a maior parte sem a estrutura adequada. Os turistas rurais em suas atividades relacionadas ao cavalo proporcionam R$ 21 milhões de movimentação econômica e 1.500 postos de trabalho no segmento.

7.6 – Escolas de Equitação

As escolas de equitação apresentam grande dispersão, tanto geográfica quanto em tamanho. Os principais clubes hípicos possuem escolas em suas instalações. Mas existem também escolas menores distribuídas por todo o território brasileiro. Nelas, o aluno pode – desde a infância – ter aulas nas diversas modalidades esportivas, conforme apresentadas anteriormente. O custo mensal das aulas, considerando duas aulas semanais de 45 minutos cada, varia de R$ 100,00 a R$ 400,00. O valor da aula inclui todos os custos que o aluno incorre, exceto o vestuário (equipamento). Este equipamento completo custa entre R$ 150,00 e R$ 300,00, conforme a qualidade e o local de compra.

Neste tópico, o Município de Volta Redonda (RJ) merece destaque. Desde 2003, encontra-se em funcionamento nesta cidade uma escola municipal de hipismo. Com uma procura por vagas superior a mil alunos, a escola está estruturada para atender, gratuitamente, mais de 100 alunos com recursos provenientes de uma parceria com um grupo empresarial. Os alunos competem em provas oficiais e têm obtido bom desempenho. Esta experiência, em que o cavalo é utilizado com sucesso formando e recuperando cidadãos, poderia ser replicada em diversos outros municípios. Potencialmente, isso poderia gerar renda e emprego para o Agronegócio Cavalo e produzir excepcionais resultados para a sociedade brasileira.

As escolas de equitação empregam um número considerável de pessoas. Pode-se raciocinar com as seguintes relações: três funcionários fixos (gerente, guarda, picador) e mais outros três funcionários

30. O Ministério do Turismo da Argentina, por exemplo, elaborou um folheto indicando 61 pontos de cavalgada, separados por regiões.

(tratador, treinador e ajudante) para cada 10 animais. Adicionalmente, a atividade demanda serviços contratados de ferradores, veterinários e outros profissionais. Além das aulas, as escolas prestam serviços de hospedagem de animais, alugando baias. Em geral, o cliente é responsável pelos cuidados (ração, medicamentos, etc.) e o aluguel refere-se exclusivamente às instalações físicas. No entanto, existem empresas que também operam oferecendo todos os cuidados com o cavalo.

Um importante tema em debate refere-se à regulamentação de instrutores, faltando não só normas, mas também a definição dos responsáveis por estas normas e fiscalização. Há uma linha que defende que a capacitação profissional deve ser realizada sob a responsabilidade do CONCEF (Conselho Federal de Educação Física). Para outros, escolas e centros privados deveriam ter a responsabilidade pela formação do profissional (em nível técnico) e o mercado faria a auto-regulamentação. Há também os que preferem que a capacitação ocorra através de instituições aprovadas pelo MEC (Ministério da Educação), com regulamentação de nível superior. Enfim, há um consenso de que a atividade de instrutor necessita de regulamentação rapidamente, mas não está clara a forma que deverá ser utilizada.

Estima-se que este mercado movimente R$ 78 milhões por ano e ocupe 9.000 pessoas.

7.7 – Jockey

Os primeiros clubes de corridas oficialmente constituídos no Brasil datam do século XIX, sendo que no início do século XX estavam em operação jockeys nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Atualmente, os principais jockeys em funcionamento são: Jockey Club Brasileiro (Gávea, no Rio de Janeiro); Jockey Club de São Paulo (Cidade Jardim); Jockey Club do Rio Grande do Sul (Cristal); e Jockey Club do Paraná (Tarumã). Embora existam atualmente dezenas de jockeys com carta patente distribuídos em diferentes regiões, a maior parte encontra-se desativada.

Os jockeys de Campos (RJ) e de São Vicente (SP), embora não tenham corridas com regularidade, recebem algum destaque na indústria do turfe brasileiro. De acordo com a Portaria nº 482, de 3 de novembro de 2004, no Brasil há 41 entidades turfísticas (jockeys clubs). Desses, 18 constam como desclassificadas. Dos demais 23, apenas parte pode ser considerada como ativa. Além dos seis jockeys citados anteriormente, completam a relação dos jockeys em atividade[31] os de Ponta Grossa, Goiânia, Salvador, Recife, Campo Grande, Brasília e Sorocaba.

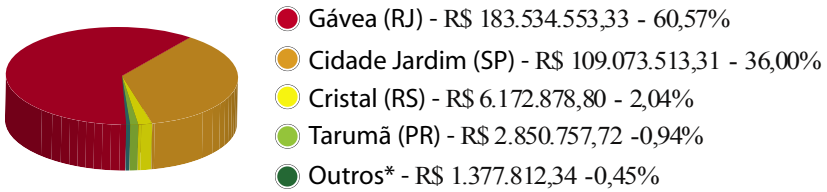
31. Na realidade, os outros jockeys promovem corridas esporadicamente. Mas como os programas ocorrem raramente, esses jockeys não foram incluídos na lista daqueles em atividade.

32- Os jockeys possuem diversas outras atividades. Este estudo analisa apenas as atividades organizadas pelos jockeys que estão relacionadas ao cavalo.

Principais segmentos do complexo do agronegócio cavalo no Brasil – atividades *dentro da porteira*

A Figura 23 apresenta a distribuição do movimento geral de apostas nos principais jockeys do País, no ano de 2004, que totalizou R$ 303.009.515,50. Os jockeys de São Paulo e Rio de Janeiro têm grande destaque, participando com 96,6% do movimento total.

Figura 23 – Brasil: distribuição do movimento geral de apostas entre os principais hipódromos, em R$ e percentagem, ano hípico 2003/2004



Fonte: CEPEA (2006)

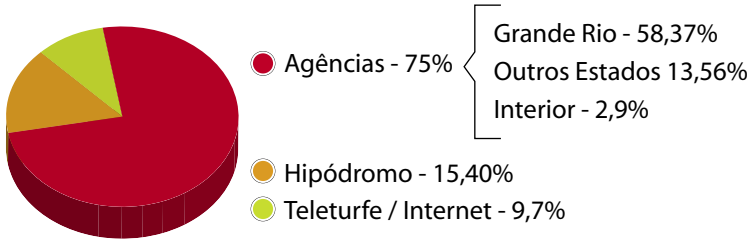
**Outros: dentre os quais destacam-se Campos, Goiás, Pernambuco e São Vicente.*

Tanto na Gávea quanto em Cidade Jardim, as agências respondem pela maior parcela do movimento das apostas. As apostas feitas diretamente nos hipódromos representam apenas 15,4% e 22,06%, respectivamente. A Figura 24 mostra a distribuição das diferentes origens no total de apostas no hipódromo da Gávea. Distribuição muito semelhante também se observa no hipódromo de Cidade Jardim.

Além do movimento gerado pelas apostas, os jockeys também realizam a hospedagem de animais[32]. Neste caso, o custo médio por animal é de cerca de R$ 1.000,00 por mês (em jockeys de menor porte, este custo cai para cerca de R$ 250,00 mensais). De acordo com as informações obtidas no presente estudo, em termos de emprego, os quatro principais jockeys geram 3.781 empregos diretos (Figura 25).

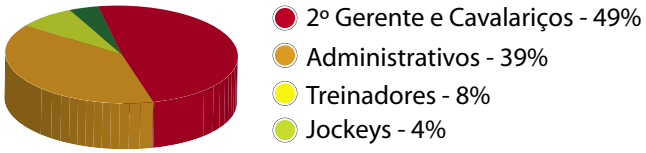
Considerando as principais atividades relacionadas com os jockeys, calcula-se que esse segmento movimente em torno de R$ 359.500.000,00 anualmente.

Figura 24 – Participação percentual das diferentes origens no total das apostas da Gávea, ano hípico 2003/2004



Fonte: CEPEA (2006)

Figura 25 – Distribuição dos empregos diretos gerados pelos quatro principais Jockeys Clubs (Brasileiro, de São Paulo, do Paraná e do Rio Grande do Sul) no ano de 2005.



Fonte: CEPEA (2006)

7.7 – Exposições e Eventos

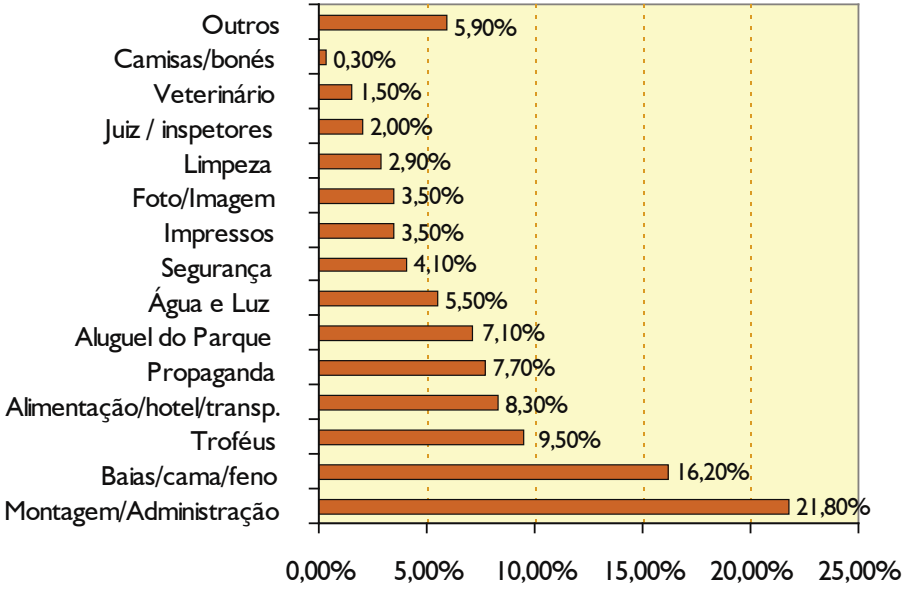
As diversas associações de criadores realizam ao menos um encontro anual. Nestes encontros ocorrem a combinação de atividades como, por exemplo, competição, confraternização, operações comerciais e divulgação da raça. São eventos bastante ecléticos, de diversos tamanhos. Houve, no último ano, desde exposição com custo inferior a R$ 1.000,00 até eventos que totalizaram centenas de milhares de reais, alguns atingindo valores próximos a R$ 1 milhão. Além dos eventos específicos de cada raça, são também promovidos encontros que reúnem animais de diversas raças criadas no Brasil, com a participação de milhares de pessoas.

Anualmente, cerca de 400 exposições e eventos são organizados com o apoio das diversas associações de criadores, movimentando um montante estimado[33] em R$ 35.000.000,00. Somando-se a este movimento o valor apurado em leilões de cavalos[34], atinge-se a movimentação total de R$ 146.100.000,00. Em geral, cada raça realiza um evento nacional, sendo que as associações de criadores com maior número de associados realizam também diversos eventos de menor porte (alguns com características de selecionarem os participantes para o evento nacional). O principal custo de um evento está na sua montagem e administração. (Figura 26)

A maior concentração desses eventos está nas regiões Sul e Sudeste, mas outras regiões, mais recentemente, têm sido sede de importantes eventos. Este é o caso da região Nordeste, que, com o sucesso da vaquejada, passou a sediar exposições e provas que antes só ocorriam na região Sudeste.

Os dados coletados permitem dimensionar alguns mercados relevantes para o Agronegócio Cavalo. O de troféus, por exemplo, fatura cerca de R$ 3,3 milhões dentro do Complexo do Agronegócio Cavalo. O segmento de baias e cama para os cavalos fatura R$ 4,2 milhões por ano durante os eventos. Já o segmento de fotografia e filmagens adiciona um produto de R$ 1,2 milhão, anualmente.

Figura 26 – Custos médios de exposições e eventos relacionados às associações de criadores, em percentual.



Fonte: CEPEA (2006)

33 - Estimativa realizada a partir de questionário respondido pela maior parte das associações de criadores de cavalos, detalhando os eventos promovidos no âmbito de cada entidade.

34 - R$ 111,4 milhões, segundo informações da DBO Editores Associados.

7.8 – O Segmento Consumidor

Na análise do segmento *O Cavalo para Lida* foram apresentados cálculos referentes ao produto e ao emprego gerado nas atividades com cavalo no trabalho de auxílio a outros segmentos da pecuária (em particular, bovinos) e da agricultura pelo cavalo de lida. Resta abordar a criação de cavalos para atividades centradas no cavalo como *produto*. Neste caso, os cuidados com os eqüinos tendem a ser mais intensivos, demandando maior consumo de insumos e serviços.

Anteriormente, estimou-se que, do efetivo total da tropa brasileira (5.787.250 animais em 2004), aproximadamente cinco milhões de cavalos são utilizados na lida do gado ou no apoio as outras atividades agropecuárias. Resta então, considerar a análise da parte do plantel nacional, representada por cerca de 800.000 cavalos utilizados em outras atividades que não a lida com o gado. Estes animais encontram-se em estabelecimentos com diversos objetivos: comerciais (criação para vender produtos); profissionais (prestação de serviços para terceiros, como, por exemplo, escolas de equitação); e particular (criação para uso próprio). Os tipos de estabelecimentos eqüestres podem ser classificados de acordo com o Quadro 3.

Considerando o plantel de cavalos ora em análise, cerca de 800 mil animais, podemos inferir sobre a movimentação econômica em torno do aqui considerado Segmento Consumidor, tomando como base os seguintes parâmetros:

a- Gastos com manutenção[35] : 800.000 animais × R$ 1.200,00 = R$ 960.000.000,00

b- Custo de aquisição[36] do animal considerando uma vida útil de 20 anos: 800.000 animais × (R$ 2.000,00 ÷ 20 anos) = R$ 80.000.000,00

c- Número de funcionários nos haras e demais propriedades onde os animais são criados (parâmetros: média de 35 cavalos / 1 proprietário e de 4 funcionários / propriedade): 800.000 animais ÷ (35 cavalos ÷ 1 proprietário) × 4 = 91.429 funcionários

d- Remuneração da mão-de-obra (incluindo encargos sociais): 91.429 funcionários × (R$ 560,00 × 12 ÷ 1 funcionários) = R$ 614.400.000,00.

Quadro 3 – Tipos de estabelecimentos eqüestres.

Tipo	Finalidade
Haras	Principal atividade é a criação, mas pode realizar outras atividades, como de centro de treinamento.
Centro Hípico ou Centro Eqüestre	Principal atividade é a manutenção de animais treinamento, destinados às diversas modalidades esportivas.
Pensionato	São cocheiras de aluguel. Em geral os cavalos permanecem confinados (não possuem piquetes para soltar os cavalos)
Manége	Similar a um centro hípico, porém menor.
Rancho	Local de treinamento e/ou criação, principalmente de cavalos das modalidades *western*.
Centro de Treinamento	Local onde um profissional da modalidade prepara cavalos de propriedade de seus clientes e seus próprios animais.

Fonte: Marins & Leschonski (2005).

Assim, a estimativa da contribuição total deste segmento para o valor bruto do Agronegócio Cavalo é representado pela soma dos valores obtidos nos itens a, b e d, ou seja: R$ 1.654.400.000,00.

35 - R$ 100,00/mês/animal.

36 - Estimativa conservadora.

Principais segmentos do complexo do agronegócio cavalo no Brasil – atividades *dentro da porteira*

Esta parte apresenta e discute os principais agentes que se localizam a jusante da criação de cavalos. São atividades que encerram o ciclo do cavalo e que podem ocorrer sob três formas: venda interna (leilão), venda externa (exportação) ou abate (frigorífico).

8.1 – Leilões

No âmbito do agronegócio cavalo existe, basicamente, dois tipos de leilões: os particulares e os de associações. Usualmente, os animais são preparados, deixando-os em bom estado físico, com cuidados especiais em relação aos pêlos, rabo e crina. Muitas vezes, o cavalo é maquiado (focinho, orelhas e olhos) e o casco é pintado. O preço destes serviços oscila entre R$ 150,00 e R$ 300,00, de acordo com o número de animais do lote e a complexidade dos arranjos. O mercado brasileiro possui empresas comercializando linhas diferenciadas de cosméticos, inclusive com ação anti-inflamatória e bactericida. Este mercado conta ainda com shampoos, sabonete, repelentes, desembaraçadores e outros produtos específicos para as diferentes pelagens e com diferentes essências (camomila e nogueira, entre outras).

Tabela 6 – Brasil: quantidade de cavalos leiloados, 1995 a 2004.

Ano	Machos	Fêmeas	Coberturas	Embriões	N.I.	Total
1995	881	2.157	5	178	1.440	4.661
1996	1.781	3.476	11	298	1.178	6.744
1997	1.871	3.175	32	246	861	6.185
1998	1.710	2.895	70	189	999	5.863
1999	1.936	3.108	3	140	1.300	6.487
2000	2.063	3.314	139	180	1.364	7.060
2001	2.197	3.792	119	166	2.629	8.903
2002	2.551	3.553	129	222	2.455	8.910
2003	3.287	5.144	0	338	1.584	10.353
2004	2.780	4.609	444	580	1.961	10.374

N.I. = dados de leilões que não informavam detalhes.

Fonte: DBO Editores Associados.

A organização de um leilão exige, além da equipe de leiloeiro e pisteiros, a coordenação de diversas atividades como, por exemplo: aluguel e decoração do recinto, *buffet*, mídia, folhetos, hotéis e translados para convidados, entre outras. Um leilão de porte grande (acima de R$ 1 milhão) envolve o trabalho direto de 40 a 50 pessoas. A complexidade desta organização varia conforme o tipo de evento, desde leilões virtuais – mais simples, que custam cerca de R$ 30 mil – até mega eventos em casas de espetáculos. Neste último, o custo do leilão pode atingir centenas de milhares de reais.

Atualmente, os leilões têm obtido ampla exposição e grande alcance por meio de programas em canais de televisão, como o Canal Rural, Canal do Boi e Canal Terraviva.

Embora existam mais de cem empresas leiloeiras, os eventos estão concentrados nas mãos de poucas: menos de cinco empresas dominam o mercado. Estima-se que o faturamento desta indústria é de R$ 19,1 milhões anuais[37]. A quantidade de animais, de coberturas e de embriões leiloados aumentou 123%, de 1995 para 2004 (Tabela 6).

37- Correspondente à 16% do valor apurado em leilões de cavalos no ano.

No entanto, o volume financeiro apurado apresentou um crescimento bem mais forte, de 430% no período, saltando de R$ 22,5 milhões, em 1995, para R$ 111,4 milhões, em 2004. Além disso, o valor médio dos negócios mais do que dobrou, passando de R$ 4.827,23 para R$ 11.500,43 - crescimento de 138% no período.

A região Sudeste concentra a maior parte destes eventos, tanto no número de remates quanto na quantidade de animais comercializados (Tabela 7). Nessa região, destaca-se o Estado de São Paulo com o maior número de leilões realizados, 707 leilões correspondentes a 62%, no período de 1995 a 2004.

Tabela 7 – Brasil: distribuição dos leilões realizados e quantidade de animais arrematados, por região, em número e percentagem, 1995 a 2004.

Região	Remates		Animais	
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual
Norte	38	1,74%	889	1,18%
Nordeste	252	11,55%	7.467	9,88%
Centro-Oeste	220	10,09%	6.155	8,15%
Sudeste	1.141	52,32%	44.435	58,82%
Sul	524	24,03%	16.375	21,68%
Virtual	6	0,28%	219	0,29%
Total	**2.181**		**75.540**	

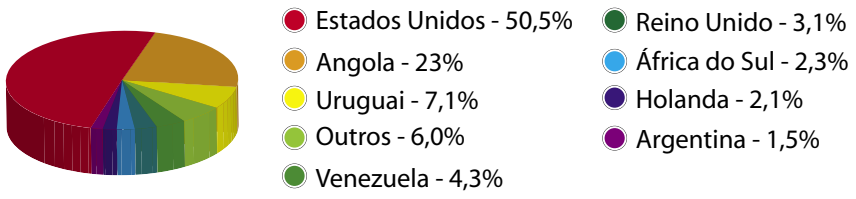
Fonte: DBO Editores Associados.

8.2 – Exportações e Importações de Cavalos Vivos

Nos anos 80, o comércio internacional de cavalos vivos viveu uma fase de euforia, em grande parte devido à crise no mercado norte-americano, que disponibilizou animais de grande qualidade a baixos preços. No entanto, a eqüinocultura, poucos anos mais tarde, também passou por crise no Brasil. Após o *boom* ocorrido nos anos 80, o início da década de 90 apresentou forte crise no setor. Os que sobreviveram a essa fase foram aqueles que investiram em qualidade. Isto teve reflexo positivo no plantel nacional, que passou a ter animais reconhecidos internacionalmente. Como conseqüência, o volume de exportações brasileiras de cavalos vivos aumentou consideravelmente nos últimos anos, saltando de cerca de US$ 260 mil, em 1996, para valores próximos superiores a US$ 2 milhões, em 2005. No período entre 1996 e 2004, o seu crescimento foi de 692%, com crescimento a uma taxa média aproximada de 26% a.a..

O principal país importador de cavalos vivos do Brasil são os Estados Unidos, respondendo por 50,5% das nossas exportações em 2005. A Figura 27 mostra os principais destinos das exportações brasileiras de cavalos vivos em 2005.

Figura 27 – Brasil: principais destinos das exportações de cavalos vivos no ano de 2005, em percentagem do valor total das exportações.



Fonte: MDIC (2006)

Dos Estados brasileiros, São Paulo tem tido a maior participação nas exportações de animais vivos, seguindo-se Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

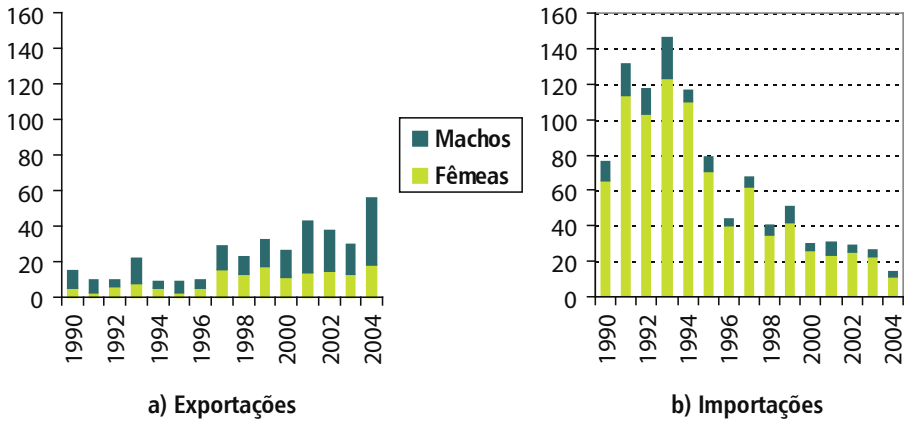
Da mesma forma que no caso das exportações, os Estados Unidos são também os principais parceiros no que se refere às importações brasileiras de cavalos vivos. Em 2005, os Estados Unidos responderam por 28% de nossas importações, seguidos do Chile com 19% e da Bélgica com 14%.

O volume total das exportações mundiais de cavalos vivos, em 2004, atingiu o expressivo montante de US$ 1,9 bilhão. Isto indica que ainda há um grande mercado para ser explorado e conquistado pelo Brasil nesse comércio. O Brasil ocupou a 31ª posição, tanto nas exportações mundiais (0,11% do mercado), quanto nas importações mundiais (0,06% do mercado).

Considerando que uma das principais motivações para importação de animais vivos está relacionada ao melhoramento genético dos plantéis, verifica-se também saudável diversificação dos destinos desses animais importados. Estados que tradicionalmente não eram destinos das importações brasileiras – Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso – surgem com volumes significativos de importações em 2005.

Os cavalos de corrida compõem um dos segmentos mais ativos no comércio internacional de animais vivos. Analisando a evolução das importações e exportações desses animais, é interessante notar que, no Brasil, há maior freqüência de fêmeas nas importações, enquanto que nas exportações predominam os machos (Figura 28).

Figura 28 – Brasil: evolução do número de animais exportados e importados anualmente para (de) os Estados Unidos, por sexo, 1990 a 2004.



O segmento de importação e exportação de cavalos vivos movimenta cerca de R$ 9 milhões anualmente.

8.3 – Carne

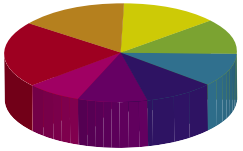
O aproveitamento da carne de cavalo não implica na mudança do objetivo de sua criação, mas constitui aproveitamento complementar da espécie. No Brasil, não existe criação de cavalo exclusivamente para o aproveitamento de sua carne. Esta utilização resulta num valor adicional do animal, podendo incentivar sua criação.

Como atrativos para o consumidor, a carne de cavalo apresenta agradável cor vermelha e baixo teor de gordura quando comparada com a carne bovina. Em termos mundiais, quatro países concentram as exportações de carne de cavalo: Bélgica, Argentina, Canadá e Polônia. Somados, esses países responderam, em 2004, por mais de 50% do volume mundialmente exportado (Figura 29).

Muitos países exportadores são também importantes importadores de carne de cavalo. Da mesma forma que as exportações totais, as exportações líquidas (valor das exportações deduzido o valor das importações), estão também concentradas em poucos países. Mas, observam-se alterações significativas. Alguns países, como a Bélgica, por exemplo, importam carne de cavalo *in natura* para produção de embutidos que são re-exportados. Assim, os maiores exportadores mundiais líquidos de carne de cavalo são: Argentina, Canadá, Polônia, Estados Unidos e Brasil. Em 2004, esses cinco países responderam por 87% do volume exportado líquido no mercado mundial (Figura 30).

A concentração do mercado mundial de carne de cavalo ocorre também entre os importadores. Três países (França, Bélgica e Itália), responderam, em 2004, por 64,6% do volume importado no mercado mundial (Figura 31).

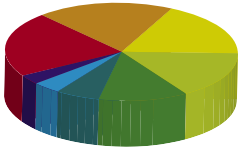
Figura 29 – Participação percentual dos maiores países exportadores de carne de cavalo no total mundial, em 2004.



- Bélgica - 21%
- Outros - 15,18%
- Argentina - 13,46%
- Canadá - 11,73%
- Polônia - 10,91%
- Estados Unidos - 9,71%
- França - 9,57%
- Brasil - 7,74%

Fonte: FAO (2006)

Figura 30 – Participação percentual dos maiores países exportadores mundiais líquidos – em US$ – de carne de cavalo, em 2004.



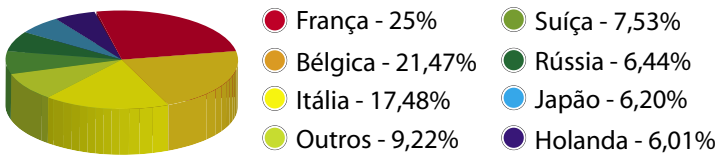
- Argentina - 21,9%
- Canadá - 19,10%
- Polônia - 17,68%
- Estados Unidos - 15,79%
- Brasil - 12,60%
- Outros - 5,98%
- Uruguai - 4,14%
- Austrália - 2,8%

Fonte: FAO (2006)

No Brasil, a quase totalidade da produção de carne eqüina destina-se ao mercado externo, sendo desprezível o valor comercializado internamente. Apenas sete frigoríficos - distribuídos nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais - respondem pela totalidade do comércio externo de carne de cavalo. Deve-se destacar que a legislação brasileira não permite que um matadouro de bovinos ou outro animal também realize abate de eqüinos.

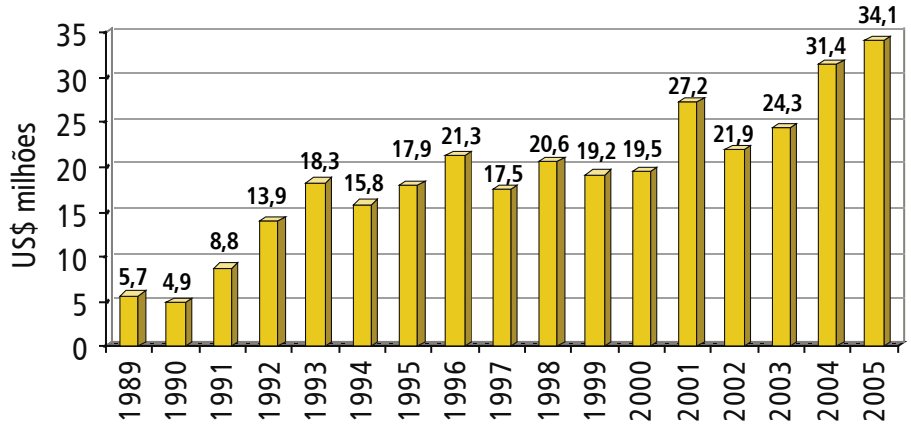
O volume de exportações brasileiras de carne de cavalo tem crescido anualmente. Nos últimos 15 anos, entre 1990 e 2005, as exportações setuplicaram, passando de menos de US$ 5 milhões para valores próximos a US$ 34 milhões, com crescimento médio anual de 13,8%. A Figura 32 apresenta a evolução das exportações anuais brasileiras de carne eqüina, desde 1989. Em termos estacionais, as exportações de carne de cavalo apresentam estabilidade, sem oscilações significativas ao longo do ano.

Figura 31 – Participação percentual dos países importadores no montante total, em US$, comercializado de carne de cavalo no mundo, em 2004.



Fonte: FAO (2006)

Figura 32 – Brasil: evolução do valor das exportações anuais de carne de cavalo, 1989 a 2005, em US$ (FOB).



Fonte: MDIC (2006)

O meio de transporte mais utilizado na exportação de carne de cavalo é o marítimo que responde por 86% do valor das exportações. A carne exportada por via marítima, é a congelada, sendo que a carne resfriada, de maior valor unitário (US$/t), é transportada via aérea.

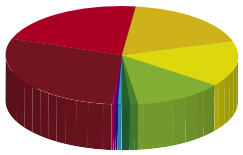
Principais segmentos do complexo do agronegócio cavalo no Brasil – atividades *dentro da porteira*

Entre os destinos das exportações brasileiras de carne de cavalo destacam-se Bélgica e Holanda (juntos, respondem por 50,5% das exportações), além de Itália, Japão e França (Figura 33).

O Brasil tem aparecido como um dos principais exportadores mundiais e tem apresentado melhoria em diversos indicadores de competitividade, tais como: elevação da sua participação no mercado mundial e vantagens comparativas com relação aos países do Mercosul. Entretanto, as vendas brasileiras estão concentradas em países também exportadores, como Holanda, Bélgica e Itália. Assim, percebe-se que há espaço para o crescimento das exportações brasileiras de carne de cavalo. Porém, para tanto, é necessário continuar elevando a competitividade, buscando maior aproximação aos índices atingidos pelos demais países do Mercosul, assim como explorar melhor os principais mercados importadores, como, por exemplo, a Rússia (através da adequação sanitária).

A indústria de carne de cavalo é responsável pela criação de milhares de empregos diretos e indiretos no País. A demanda direta de trabalhadores nos frigoríficos é de um funcionário para cada animal abatido ao dia. Ou seja, para um abate de 100 animais ao dia, o frigorífico deve ter em torno de 100 funcionários. Além destes, a indústria gera também milhares de empregos indiretos, como tropeiros, motoristas, empregos em curtumes, entre outros.

Figura 33 – Brasil: principais destinos das exportações de carne de cavalo no ano de 2005, em percentagem do valor total das exportações.



- Bélgica - 29,1%
- Holanda - 21,4%
- Itália - 18,3%
- Japão - 15%
- França - 12,5%
- Austrália - 1,2%
- Finlândia - 1,1%
- Cazaquistão - 0,4%
- Rússia - 0,4%
- Uzbequistão - 0,2%
- Espanha - 0,2%
- Suíça - 0%

Fonte: MDIC (2006)

Segundo informações do Sistema de Inspeção Federal (SIF), são abatidos cerca de 200.000 eqüídeos anualmente. Considerando que, para atingir essa quantidade de abate, os frigoríficos estejam operando com abate de 1.000 animais por dia, estima-se que estejam empregadas 1.000 pessoas nesse segmento.

Considerando o volume exportado em 2005 (US$ 34.109.303) e a taxa de câmbio no encerramento de 2005 (R$ 2,34/US$), estima-se que o segmento carne no Complexo do Agronegócio Cavalo movimente cerca de R$ 80 milhões por ano.

Em torno da atividade do segmento carne deve-se agregar a análise de um outro segmento integrante do Complexo, responsável pelo curtimento das peles dos animais abatidos nos frigoríficos. A pele de cavalo, salgada nos frigoríficos e processada no curtume (no Brasil, esta atividade está limitada em apenas um curtume no Rio Grande do Sul), é destinada para fábricas de calçados femininos (ela é muito fina e frágil para os masculinos), bolsas e artefatos, além de exportação.

A qualidade do couro de cavalo é inferior ao do bovino. Ao contrário do boi, o cavalo é abatido velho. Isso eleva a probabilidade de o animal ter enfrentado doenças e problemas que prejudicam a qualidade de seu couro. Como conseqüência, o seu preço é inferior ao couro bovino. Cerca de 160 pessoas trabalham no setor, que fatura R$ 15 milhões por ano.

Esta parte do estudo apresenta e discute os agentes que contribuem para o adequado desempenho do Complexo do Agronegócio Cavalo, interferindo e facilitando as diversas transações que ocorrem ao longo de toda a sua estrutura: antes, dentro e pós-porteira.

9.1 – Seguro

O mercado brasileiro de seguro de cavalos está concentrado em duas seguradoras que operam com um número relativamente baixo de animais. Estima-se que apenas cinco mil cavalos são segurados. Em suas diversas modalidades, os seguros realizados garantem a cobertura básica, que inclui vida e transporte, podendo ser contratadas coberturas adicionais, dentre as quais tem-se as opções:

· Reembolso Clínico (reembolso de gastos clínicos para preservar a vida do animal);

· Reembolso Cirúrgico (reembolso de despesas cirúrgicas necessárias para preservação da vida do animal);

· Cirurgia Eletiva (no caso de morte do animal durante o procedimento cirúrgico eletivo);

· Fertilidade para éguas e garanhões (cobertura de acidente que ocasione a perda de fertilidade do animal);

· Função (cobertura de acidente que ocasione a perda de função ou uso do animal);

· Prenhez (cobertura de perda da prenhez da égua);

· Produto ao pé (cobertura de vida do produto ao pé da égua); e

· Extensão para Território Internacional (cobertura de vida para o animal que será transportado para o exterior, inclusive durante a sua permanência nestes locais).

Os valores dos animais segurados variam de cerca de R$ 5.000,00 até centenas de milhares de reais. O valor médio é estimado em R$ 28.280,00. Observa-se que a distribuição do valor dos animais segurados é assimétrica, com aproximadamente três quartos dos animais apresentando valores inferiores a R$ 30.000,00 (que é muito próximo do valor médio citado acima), conforme Figura 34.

Figura 34 – Brasil: distribuição percentual do rebanho de cavalos segurado, por valor, 2005.

Fonte: CEPEA (2006).

Quanto ao sexo dos animais segurados, 58% são fêmeas, 39% são machos e 5% são animais castrados. Quanto à idade a maioria dos animais segurados é jovem, 48% têm idade de até 4 anos e 33% têm idade entre 5 e 10 anos, embora também se encontrem animais segurados com idade superior a 20 anos.

Embora seja possível encontrar animais segurados nos diversas Estados da União e no Distrito Federal, cerca de dois terços dos cavalos com seguro localizam-se em três Estados: São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Apesar de o prêmio médio anual ser de aproximadamente 4% do valor do animal segurado, o desembolso médio – por apólice – é de apenas R$ 500,00. Ou seja, apenas 1,8% do preço médio dos cavalos segurados. Isto ocorre porque muitas apólices são emitidas por prazos inferiores a um ano.

No total, estima-se que esta modalidade de seguro movimente, anualmente, cerca de R$ 2,5 milhões em prêmios de seguro. No entanto, uma parcela significativa deste volume é realizada por seguradoras internacionais (*off-shore*). Calcula-se que este mercado tenha potencial para atingir um volume de prêmios da ordem de R$ 5 milhões, em médio prazo. Entre os desafios de crescimento que este mercado enfrenta, destaca-se o desconhecimento – pelos criadores e proprietários – das alternativas de seguro existentes.

O cálculo do número de trabalhadores envolvidos nesta atividade é complicado na medida em que os empregados, em geral, dividem seu tempo entre seguros de eqüinos e bovinos. Assim, estima-se que a atividade demanda o equivalente a 25 postos de emprego, ocupados por profissionais ligados ao seguro de cavalos.

9.2 – Instituições Financeiras

Para muitos dos atores do Complexo do Agronegócio Cavalo a ausência de crédito para a eqüinocultura é vista como um ponto fraco do setor. Nas entrevistas conduzidas com agentes do mercado financeiro, verificou-se que a queixa procede e, em grande parte, está relacionada à dificuldade de acesso às linhas de crédito decorrente de problemas de informação, em que o criador é prejudicado em vários aspectos.

Em primeiro lugar, o setor bancário demonstra desconhecimento do papel desempenhado pela eqüinocultura no Brasil, sua dimensão social e econômica e seu grau de profissionalismo. Os diversos segmentos do agronegócio cavalo têm recebido tratamento (classificação) por parte das instituições financeiras como "atividades não produtivas". O Banco do Brasil – principal agente nas operações com agronegócio no Brasil – destaca, por exemplo, em seu boletim *Banco do Brasil Private* (agosto de 2004), matéria com título *Cavalo pode ser um hobby lucrativo*. O próprio título já deixa clara a visão do mercado financeiro em relação à eqüinocultura: caracterizando-a como *hobby* e surpreendendo-se com a possibilidade de ser lucrativa. Esta visão, ao não considerar o cavalo como atividade pecuária economicamente viável, impede o acesso a linhas de custeio, investimento e comercialização de crédito rural. A mesma restrição também ocorre com relação aos repasses de recursos do BNDES, como nas atrativas operações de FINAME.

Agravando este quadro, há o que foi denominado de "amadorismo nas propostas" pelos entrevistados do mercado financeiro. As propostas apresentadas pelos clientes não têm apresentado mínima estrutura e sustentação para permitir análise financeira e de viabilidade. A defesa da operação de financiamento nos comitês de crédito – que, como visto, tendem a apresentar viés contrário à atividade – fica fragilizada, inviabilizando a aprovação dos financiamentos ao setor.

Apesar do setor de crédito não ser hoje expressivo no Agronegócio Cavalo, existe um grande potencial neste mercado, desde que sejam superados – ou minimizados – os problemas e as dificuldades associadas à informação, citados nos parágrafos anteriores.

9.3 – Serviços Veterinários

À medida que a eqüinocultura se profissionaliza – o que é uma exigência na fase de pós-crise do início dos anos 90 – vão surgindo parâmetros que permitem ao criador ou proprietário avaliar comparativamente os custos dos tratamentos e da contratação de profissionais especializados em relação aos benefícios proporcionados.

Recentemente, novos campos de atuação têm se desenvolvido para atuação do profissional de saúde, com a homeopatia.

No Brasil, o rendimento anual de um médico veterinário é, em média, de cerca de R$ 40.000,00. Considerando apenas os profissionais direta e independentemente dedicados ao cavalo, estima-se que existem 500 médicos veterinários em atividade no País[38]. Estes, ao exercerem a clínica com eqüinos, movimentam em torno de R$ 20 milhões para o Agronegócio Cavalo.

38- Neste número estão excluídos os veterinários que deixaram de exercer, prioritariamente, a medicina. São os casos dos diversos profissionais inseridos em empresas de outros segmentos como, por exemplo, a indústria farmacêutico veterinária.

Ambiente de Negócios

A análise do ambiente de negócios no âmbito do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil revela alguns aspectos que demandam iniciativas principalmente no campo institucional e das políticas públicas para o setor, onde se devem destacar: *a ausência de iniciativas de marketing envolvendo o setor, especificamente para criação e esportes; a dificuldade de acesso ao crédito; e a falta de conhecimento de legislação*.

Foi constatado como característica do setor o fato de muitos contratos firmados serem feitos informalmente, prevalecendo a "palavra" das partes envolvidas. Este grau de informalidade existente nas operações prejudica o crescimento do agronegócio. Deve-se destacar que a informalidade é elevada no Brasil, cerca de 40% do PIB, segundo estudos mais recentes. Esta informalidade, generalizada na economia, tem impacto nas operações que envolvem o Agronegócio Cavalo. A questão mais importante é a falta de transparência em muitas operações devido à informalidade. Em muitos casos, falta ao potencial patrocinador ou analista de crédito uma visão das dimensões e resultados do Agronegócio Cavalo. A informalidade de algumas atividades não permite a visão clara da real (positiva) situação.

Da mesma forma, o amadorismo em muitas atividades decorre, em parte, do fato de a criação não ser a principal fonte de renda de muitos empresários e profissionais liberais atuantes no Complexo do Agronegócio Cavalo. Este aspecto, equivocadamente, resulta em menor atualização e reciclagem da parte técnica – veterinária, zootécnica e administrativa.

Felizmente, neste aspecto, o setor está melhorando. Essa alteração positiva se deve, em parte, à reação à crise dos anos 90 e, em parte, ao resultado do movimento crescente de centros de formação profissional – para todos níveis de trabalhadores, dos mais básicos até a pós-graduação.

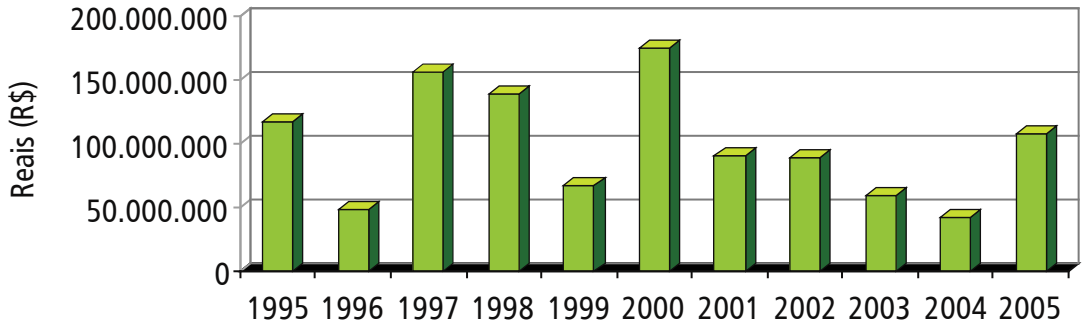
As interferências do Governo no setor têm sido pontuais. Em alguns momentos foram decisivas, como quando evitou a extinção do cavalo pantaneiro. Na década de 70 do século passado, dois fatores – cruzamento com muitas outras raças mestiças e disseminação da anemia infecciosa eqüina (AIE) – reduziu drasticamente o plantel do cavalo pantaneiro. Em 1972, o Ministério da Agricultura implantou o Projeto Cavalo Pantaneiro, criando um núcleo de criação, preservação e fomento para a raça. No entanto, observa-se que a presença do Estado poderia ser mais incisiva em muitos momentos.

A defesa animal é um dos pontos em que se observa um preocupante afastamento do Estado. A preocupação, neste sentido, é agravada com o baixo volume de recursos contemplados pelo Orçamento da União para as atividades sanitárias na pecuária nacional. O volume anual de recursos orçados para defesa animal têm sido em torno de R$ 100 milhões (Figura 35). Isto para todas as espécies de animais e, o que é pior, sistematicamente apenas uma parcela deste orçamento é executada.

A situação referente aos recursos para saúde de nosso plantel eqüino é ainda mais grave. Nos últimos anos, a dotação autorizada pelo Orçamento da União tem sido de apenas R$ 1 milhão anuais para as atividades de prevenção, controle e erradicação das doenças da eqüinocultura. Deste montante, também apenas parte é efetivamente executada. No ano de 2005, de acordo com as últimas informações disponíveis pelo SIAFI (Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal), apenas 20% do orçado (R$ 202.034,30) havia sido executado.

Para alterar este cenário de poucos recursos, é necessário que se contemple a defesa animal como uma das prioridades do Governo e que a Lei Orçamentária inclua uma dotação de recursos adequada. Assim, faz-se necessário que ocorram pressões democráticas para que as futuras leis contemplem orçamentos mais generosos para a sanidade de nossos animais. Essa preocupação é reforçada pelo momento favorável que atravessa o Agronegócio Cavalo no Brasil, com crescentes oportunidades de exportação. Como o próprio Governo destacou no Relatório de Gestão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do exercício 2004: "Esses temas [falhas na defesa agropecuária] serão, num futuro próximo, barreiras ao comércio internacional e é preciso que o Brasil se antecipe a esse cenário".

Figura 35 – Brasil: Evolução das despesas autorizadas para defesa animal pelo Orçamento Geral da União, período de 1995 a 2005, em reais de 2005 (deflacionado pelo IGP-DI).



Fonte: Elaborado a partir de valores nominais apresentados no site www.pt.org.br/ assessor/ comparativoAgropecuario1995e1006.doc.

Conclusões e recomendações

As atividades envolvendo a produção de produtos e serviços relacionados com o cavalo no Brasil configuram um verdadeiro Complexo do Agronegócio, com dimensão social e econômica das mais expressivas. As estimativas realizadas apontam para um valor de movimentação econômica no complexo superior a R$ 7,3 bilhões anuais. Somente nas atividades analisadas, foram estimadas cerca de 640.000 pessoas ocupadas, número que poderia atingir a casa de 3,2 milhões de pessoas se forem incluídos aqueles empregos considerados indiretos.

Após uma bolha de crescimento artificial nos anos 80 e a crise subseqüente, nos anos 90, o setor encontra-se em nova fase de crescimento, com maior maturidade. O nível de profissionalismo na atividade vem se elevando, contribuindo para a melhoria dos principais indicadores de desempenho em geral e para a melhoria da qualidade genética entre as principais raças de nosso plantel. Novos e bons cursos têm sido ofertados e demandados em todos os níveis profissionais. As associações de criadores, de um modo geral, encontram-se em reestruturação na busca de maior eficiência e transparência.

A análise empreendida de cada um dos segmentos do Agronegócio Cavalo permitiu a identificação de vários gargalos ou pontos considerados críticos, demandando iniciativas para a sua superação com vistas ao melhor desempenho da atividade. Dentre esses pontos podem ser destacados: falta de acesso a linhas de crédito; custo elevado e entraves operacionais nas exportações e importações de animais vivos; necessidade de revitalização dos jockeys clubs e do turfe; ausência ou inadequação da regulamentação envolvendo algumas atividades eqüestres; insuficiência de mão-de-obra qualificada em determinadas atividades eqüestres; desempenho insuficiente das atividades relacionadas a defesa pecuária; falta de instrumentos de apoio à popularização do uso da equoterapia; insuficiência orçamentária para um melhor dimensionamento do uso do cavalo militar; relativa desestruturação dos mercados de produtos veterinários e de rações, entre outros.

O apoio do Governo e instituições como a CNA, recentemente, tem se voltado para a solução de problemas antigos, como a crise do turfe, buscando alternativas para o desenvolvimento sustentado da eqüinocultura. Neste contexto, os resultados propiciados pelo presente trabalho certamente serão muito úteis na busca do melhor entendimento da indústria eqüestre. Espera-se que, a partir dos resultados obtidos, novas políticas – de crédito, sociais, de fomento, entre outras – venham a ser formuladas para apoio e consolidação do Complexo do Agronegócio Cavalo.

Outras iniciativas devem ser mantidas, como a busca por maior transparência, divulgação e profissionalização dos diversos segmentos. Os ótimos resultados sociais, como a equoterapia brasileira e a forte geração de empregos devem ser destacadas para remover a idéia, histórica, de que as atividades relacionadas ao cavalo limitam-se à elite econômica do País. A divulgação de casos de sucesso e de impacto econômico e social – como a experiência da escola municipal de hipismo em Volta Redonda (RJ) – deve ser a mais ampla possível, contribuindo para mostrar a importância do Agronegócio Cavalo.

Novos estudos, aprofundando e estendendo os resultados deste estudo pioneiro são recomendados.

Expediente

Coordenador:
Prof. Dr. Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros (CEPEA/ESALQ/USP)

Equipe Técnica:
Prof. Dr. Roberto Arruda de Souza Lima (CEPEA/ESALQ/USP)
Prof. Dr. Ricardo Shirota (CEPEA/ESALQ/USP)

Consultor Técnico:
Prof. Dr.Josemar Xavier (UnB)

Colaboradores:
Heloísa Maria de Pereira Orsolini (ADECA/ESALQ/USP)
Plínio Moriki Silva (ADECA/ESALQ/USP)
Rafael Lopes Marins (ADECA/ESALQ/USP)
Guilherme Augusto Asai (ADECA/ESALQ/USP)
Thiago Marques Budni (ADECA/ESALQ/USP)

Convênio de elaboração:
Nº 160/2004/SARC/MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Convênio de impressão:
Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE)

Editora Responsável (CNA):
Otília Rieth Goulart

Projeto Gráfico e Editoração:
Gabriela Pires
Mariângela Herédia
Plugar Brasil Comunicação | plugar@brturbo.com.br

SGAN Quadra 601, Módulo K Cep: 70830-903
Fone: (0xx61) 2109-1400 | Fax: (0xx61) 2109-1490
E-mail: cna@cna.org.br | www.cna.org.br

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA - ESALQ / USP

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL